R$ 5,00 ANO 1 Nº10 NOVEMBRO 1994

AQUI NÃO TEM MISÉRIA

MAC MANIA

BOOKMAKERS

NOVAS SEÇÕES

MÚSICA:
FAÇA DO SEU MAC UM ESTÚDIO DE SOM DIGITAL

INFO MAC:
DAMOS A FICHA COMPLETA DO LC 575

MACINTOSH TROPICAL

SAIBA COMO LIGAR UM MONITOR DE PC NA SUA MÁQUINA

VELHAS SEÇÕES

MAC ARTISTA:
O REI DOS INDIFOLHAS

MULTIMÍDIA:
HYPERCARD PASSO-A-PASSO

EDITORAÇÃO:
OS FILTROS DO PHOTOSHOP

MACINTÓSHICO
INVADE O RIO DE JANEIRO

AS CARTAS NÃO MENTEM

POUCO, MAS DE CORAÇÃO

Caros Macmaníacos,

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer as críticas construtivas à nossa estratégia de marketing, publicadas na seção Ombudsmac. Tenham certeza de que elas estarão sendo levadas em consideração no planejamento das nossas próximas campanhas.

Em relação ao editorial, gostaria de discordar de alguns pontos. Em primeiro lugar, embora o Mac seja um produto fantástico, ele não "se vende sozinho" em lugar nenhum do mundo. Pelo contrário, para vencer a resistência do chamado *padrão PC* são dispendidas enormes quantidades de tempo, dinheiro, esforço e criatividade em todas as regiões do planeta. Nós concordamos, e ficamos felizes que vocês também percebam, que "o mercado Macintosh está crescendo à olhos vistos". Só que isso está muito longe de ser "fruto da geração espontânea". Na verdade, é o resultado do trabalho de revendedores, usuários de todas as áreas, desenvolvedores de software, editores de publicações especializadas e, muito humildemente, da CompuSource e da Apple também.

Acho também que seria bom esclarecer porque não tem anúncio da Apple no número 9, ao contrário do que aconteceu dos números de 1 a 8. A razão é só uma: a MACMANIA quis aumentar o preço do anúncio e nós não concordamos com o aumento, ou seja, trata-se de mero problema comercial, sem qualquer outra implicação. Nós gostamos tanto da revista que inclusive cedemos graciosamente espaço para ela em nossos estandes da Fenasoft e da Comdex. Pode ser pouco, mas é de coração.

Eduardo Carvalho
Diretor de Marketing da CompuSource

Em primeiro lugar, gostaríamos de esclarecer que o editorial do último número deve ser encarado como um mero desabafo. Não dos responsáveis pela MACMANIA, mas do mercado de Macintosh como um todo, como pudemos constatar pelo efusivo apoio que recebemos de usuários, jornalistas, hackers, muambeiros, empresários, revendas Apple e, pasmem, da própria Apple! Quanto à falta de um anúncio da Apple nesta revista, isso realmente é um mero problema comercial, mas que tem algumas implicações.

Não temos nada contra a CompuSource, nem contra o Plano Real. Só não vemos sentido em deixar que a empresa – que, teoricamente, seria a maior beneficiada com a existência de uma revista de qualidade que grita para quem quiser ouvir que o seu produto é a melhor invenção depois da cocada preta – anuncie em condições privilegiadas, em detrimento de outras empresas que pagam o preço de tabela.

Quanto aos problemas do mercado, acreditamos que há coisas que não são da alçada de uma distribuidora e que só se resolverão quando a Apple estiver em carne e osso (ou em casca e polpa) no país. Agradecemos de coração o espaço cedido nas referidas feiras, onde tivemos a oportunidade de vender nosso peixe, dar aulas de graça e chamar gente para os estandes com nossa discrição habitual, o que humildemente achamos que ajudou a conquistar mais usuários e vender mais Macs.

AUTO-ASTRAL

Incomodou-me um pouco o "astral" da revista. Eu explico. Ficou para mim a impressão: o Mac é o melhor computador que existe e são néscios os que não compreendem isso. Ficou um tom pedante, de auto-elogio, e como estou me informando sobre computadores agora, ficou a impressão de que eu não tinha escolha.

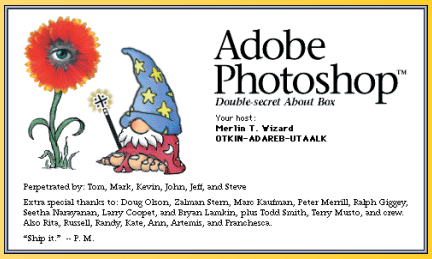
Sugiro que o tom seja mais sóbrio, mais neutro, com parâmetros objetivos para comparação, e não simplesmente pedir para o leitor "acreditar" que o Mac é mais fácil de lidar do que o PC.

Geraldo Mariano
Belo Horizonte - MG

A MACMANIA é feita por pessoas e para pessoas que optaram pelo Mac, porque acreditam que ele é o melhor computador que existe. Não vendemos Macintosh e, por isso, não temos a obrigação de provar que ele é melhor que um PC, isso é trabalho para a Apple e seus revendedores nacionais. Em relação ao Mac, tentamos ter a maior objetividade possível, apontando falhas e exigindo a qualidade que o usuário merece.

MACMISTÉRIO

Que tal criar uma seção de Mac-Mistérios ou coisa parecida? Por exemplo, o que é esse quadro?



Ele vem sempre que chamamos o About Photoshop com o pressionado. E na versão 3? Acontece isso também? Isso é uma brincadeira? Uma chave para uma nova dimensão dentro do Photoshop? Segredos para uma vida mais feliz?

Paulo Silveira
São Paulo - SP

Parabéns, Paulo. Você acaba de entrar para o seleto rol de leitores que descobriram um novo "Ovo de Páscoa", lembrancinhas que programadores, que não têm muito o que fazer, colocam dentro dos programas. Aguarde seu prêmio secreto. No Photoshop 3.0, a tela que aparece é essa aí de baixo.



MENSAGEM NA GARRAFA

No final de julho, comprei um Mac Color Classic, na Alphaser, com seis meses de uso. Fiquei feliz em encontrá-lo, pois me apaixonei logo que vi e foi um achado, inclusive o preço. Bem

NOS PÉS DE PÁGINA DESTA EDIÇÃO: BOATOS CABELUDOS SOBRE O FUTURO DA APPLE, DO BRASIL E DO MUNDO

atendido, informaram-me que o mouse estava com defeito e que em 15 ou 20 dias chegaria um novo. Resumindo, o novo chegou agora, no final de outubro, após eu ter reclamado para a Adriana, na Compusource. Milagrosamente ele "surgiu" no mesmo dia...

Em agosto, tentei comprar uma Stylewriter, na Eagle, melhor preço e entrega em cinco dias. Após três semanas de "sua impressora vai chegar...", comprei na Compugrafia e descobri que a Eagle não era autorizada (então foi por isto, pensei).

Oba, achei uma boa revendedora, voltei para comprar um game. Após uns 40 minutos de espera para pagar, recebo a informação que, além de estar pagando o dobro do que custa nos EUA, haveria um acréscimo para pagamento com cartão de crédito. Simpático, não?

Assinei a MACMANIA, feliz e interessado, e como sou arquiteto, saí atrás do KeyCad. Ouvi de tudo, desde "desista", até a mais original na Computer Place, que consta na lista dos revendedores Apple:

"Não temos interesse em comercializar produtos Apple."

Desisti. Não do Mac, óbvio, mas parece que esse pessoal não conhece o produto e a filosofia da empresa que representam.

Sou obrigado a concordar com amigos que dizem: "o Macintosh é ótimo, mas você vira uma ilha, sem o suporte necessário." Acho tudo isso um porre, mas só escrevo pois a MACMANIA é um oásis nisto tudo.

Parabéns pela Qualidade!!!

Acredito que só divulgando esse povo toma jeito.

Roberto Straub
São Paulo - SP

Bem-vindo à Ilha da Fantasia!

A INVASÃO DO RIO

Abaixo, alguns comentários capturados no BBS ArtNet sobre o retumbante lançamento da MACMANIA #9 no Rio:

"Valeu paulistada! A festa tava legal, meu! A revista de lançamento, melhor ainda. Se tivesse, como anunciado, bebida de graça, chegava perto da noitada carioca."

Andréa Sampaio

(Para ler com entonação paulistona, aquela que é meio pro italiano...)

"Ô, lindinha, quando tiver uma festa carioca com bebida de graça em algum pub ou barzinho do Rio, tu me chama, viu, nega? Moro no Rio há 23 anos e nunca vi muito disso não. Agora, vê se nessa festa que tu falou os concurso num são bichado, tá, fofa?"

Daniel A. Estill

Quem ler a MACetc. da semana passada com atenção, perceberá que digo que a bebida ainda estava em negociação. Daí a achar que vai a encher a cara às custas da maior editora brasileira de revistas de Mac ;-) , vai um longo delirium tremens.

E tenho dito!

Marco Fadiga

"É pessoal, também gostei da festa. Pena que o local estava tão apertado... Tomara que aconteçam mais desses encontros (mesmo que sejam realizados por "PAULISTAS").

É a primeira vez que vejo tanta gente de Mac junta."

Marcus Ridzi

Tão discreto o pessoal da revista MACMANIA! Os softs prometidos caíram justo na mão da esposa do Fadiga e da irmã do João Velho!.. Ê raça afortunada heim!

Mera curiosidade: ficou alguma esposa, tia, irmã ou avó de jornalista presente sem prêmio? Abraços.

Andréa Sampaio

Mentira!

Minha mulher ganhou sim, mas foi uma camiseta.

Mas que houve maracutaia, houve. Represálias para a caixa postal dela, por favor.

Marco Fadiga

PARA COLABORAR COM A MACMANIA, BASTA ESCREVER PARA: RUA DO PARAÍSO, 706 ACLIMAÇÃO CEP 04103-010 SÃO PAULO SP OU LIGAR NO MACBBS (011) 813-5053/5059/5672. DEIXE SUAS CARTAS, SUGESTÕES, DICAS, DÚVIDAS E RECLAMAÇÕES NO FÓRUM DA MACMANIA. macmania@bra000.canal-vip.onsp.br

GET INFO

EDITOR DE TEXTO
HEINAR MARACY

EDITOR DE ARTE
TONY DE MARCO

CONSELHO EDITORIAL
CARLOS FREITAS (Trattoria Di Frame)
OSWALDO BUENO (Carpintaria do Software)
CAIO BARRA COSTA (Cabaret Voltaire)
VALTER HARASAKI (Idea Visual)
RICARDO TANNUS JR. (Esferas Software)
MARCOS SMIRKOFF (Vetor Zero)
DIMITRI LEE (MacBBS)

EDITORA EXECUTIVA
BELINDA SANTOS

EDITOR DE ARTE JÚNIOR
MZK

EDITORAÇÃO
CRISTINA MILHEIRO

CORRESPONDENTE NOS EUA
BILL MC GREGOR

CORRESPONDENTES NA INGLATERRA
SUELY FRAGOSO E ROSA FREITAG

CORRESPONDENTE NA ALEMANHA
TERESA NUNES

EDITORES CONTRIBUINTES
MARCO FADIGA, CARLOS MUTI RANDOLPH, LUCIANO RAMALHO

CONSELHO EDITORIAL DO MACINTÓSHICO
TOM BOJARCZUK, TONY, HEINAR, ALEXANDRE BOECHAT, JEAN BOECHAT, DAVID DREW ZINGG

CAPA
LUIS GUSTAVO
FREEHAND 4.0 E PHOTOSHOP 3.0
CONSULTORIA TECNICA DE TOM BOJARCZUK

LABMANIA
CARLOS FREITAS, PC FERREIRA, HEINAR

COLABORADORES
JOÃO VELHO, THIAGO MARQUES, EMILIO DAMIANI, MARIO FUCHS, ASTRID KOPP VANUZZI, ZILDA LOPES, BENICIO SANTOS, FABIO GRANJA, MAGDA BARXO, WALMOR POMPEIA, RAJ RODRIGUES, RICARDO SERPA, RODRIGO MEDEIROS, PAULO CARLOS FERREIRA, CLECIA DE PAULA

FOTÓGRAFOS
RICARDO TELES (DESKTOP PUBLISHING), HANS GEORG E MARCOS MUZI

GERÊNCIA DE ASSINATURAS
EGLY DEJULIO
TEL/FAX: (011) 284-6597

GERÊNCIA COMERCIAL
FERNANDO PERFEITO

SOFTWARE
QUARKXPRESS 3.3, FONTOGRAPHER 4.1, WORD 5.1, DESKPAINT 1.05, FREEHAND 4.0, MICROPHONE II 4.0, PHOTOSHOP 3.0, BANCOFACIL 1.2, FILEMAKER PRO 2.0, EXCEL 4.0

HARDWARE
POWER MAC 7100, POWER MAC 6100, QUADRA 630, QUADRA 700, QUADRA 605, IISI, SE, ABATON FAXMODEM, TEKTRONIX PHASER 220i, LASERJET 4, PERSONAL LASERWRITER, SCANMAKER II

FOTOLITOS
PAPER EXPRESS

IMPRESSÃO
MINDEN

DISTRIBUIÇÃO
BH DISTRIBUIDORA

EDITORA BOOKMAKERS

DIRETORES
BELINDA SANTOS
HEINAR MARACY

As fontes PostScript Futura Vitima, Zine, Pinups, Memphis Vitima, Super Serif, Rex Dingbats, Compacta Vitima, SuperMarket, Sequestro, Bodoni Vitima e Toxic Bodoni são marcas registradas da Zap Design.
MacMania e Macintóshico são marcas registradas da Editora Bookmakers.

MACMANIA é uma publicação mensal da Editora Bookmakers Ltda. Rua do Paraíso, 706 Aclimação – CEP 04103-010 – São Paulo SP
Tel/Fax: (011) 284 6597
Internet: macmania@bra000.canal-vip.onsp.br

Opiniões emitidas em artigos assinados não refletem a opinião da revista, podendo até ser contrárias à mesma.

TID BITS

O MAC NA MOSTRA DE CINEMA (... OU QUASE)

Foi por um tantinho assim. Por pouco a *18ª Mostra de Cinema de São Paulo* não se transforma em um palco para exibição das capacidades multimídia do Macintosh. A Artsys Sistemas Informatizados criou para a mostra um projeto de quiosque multimídia interativo, em HyperCard, que apresenta um guia com dados sobre todos os filmes participantes (sinopse, fotos, elenco e ficha técnica, informações sobre o diretor e um pequeno *trailer* em QuickTime).

Infelizmente, devido à inexistência de monitores *touchscreen* (sensíveis ao toque) para Mac no Brasil, o projeto todo teve que ser portado às pressas para Windows. Seu autor, Osvaldo Gogliano Sobrinho, ficou espantado "com o desinteresse marcante da CompuSource, que sequer quis ver o projeto". A interface foi refeita em Visual Basic, os filmes foram portados para QuickTime for Windows e o projeto foi instalado em um 386, com o apoio da SID Informática. "É uma pena, porque o Mac é feito sob medida para esta aplicação", diz Oswaldo.



É uma pena que essa belezinha tenha ido parar num PC

LIBERDADE PARA O FREEHAND

A história do *FreeHand*, nos últimos tempos, vem tomando ares de novela mexicana. A Altsys, empresa que desenvolveu o software, ganhou uma ação contra a Aldus e retomou o controle sobre seu filho pródigo. O motivo: a incorporação da Aldus pela Adobe. Para a Altsys, não havia sentido em deixar o *FreeHand* nas mãos da Adobe, criadora de seu principal concorrente, o Illustrator. A Altsys voltaria a comercializar o programa a partir de janeiro de 1995. Só que a Altsys é uma empresa de 50 funcionários, situada em uma cidadezinha do Texas, que dificilmente teria poder de fogo para competir em pé de igualdade com a nova Adobe, a megaempresa de US$ 400 milhões.

Os freehandistas brasileiros, por exemplo, correm o sério risco de ficarem órfãos com a mudança. A MultiSoluções, empresa que vendia o *FreeHand* até agora, não decidiu se vai representar também a Altsys. Já são poucos os softwares para Macintosh comercializados no Brasil e seria uma pena que um, que já possuía representante nacional, pare de ser vendido por aqui.

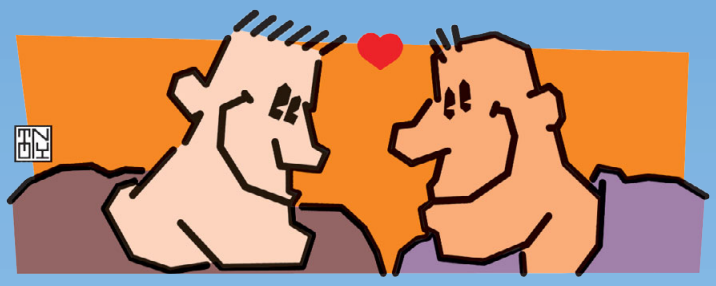
Mas eis que, de repente, não mais que de repente, surge o anjo vingador. A Macromedia, que não é boba nem nada, aproveitou o momento e comprou a Altsys, por US$ 70 milhões, levando *FreeHand* e, de quebra, o Fontographer, software tipográfico com o qual são feitas todas as fontes desta humilde revista. A Altsys se transformará no centro de arte digital da Macromedia, empresa que é líder na área de multimídia, contando com programas como Director e Authorware.

A Macromedia é representada no Brasil pela CI-Compucenter, empresa que já afirmou várias vezes que não tem o menor interesse em vender seus produtos para Macintosh no país e que adoraria que alguma empresa de iniciativa fizesse isso. Alguma revenda Apple se habilita?

E, como toda boa história precisa de um final feliz, uma boa notícia: a guerra entre *FreeHand* e Illustrator, uma das mais movimentadas batalhas do mundo Mac, está prestes a acabar. Quando todos pensavam que toda essa novela iria acabar em duelo final entre *FreeHand* e Illustrator, olha os dois aí de volta, juntinhos. Em breve, os ilustradores poderão abrir tranquilamente arquivos de Illustrator no *FreeHand* e vice-versa.

Essa mágica da coexistência pacífica será possível porque os dois programas vão poder salvar seus documentos em formato PDF (Portable Document Format), utilizado pela Adobe em seu Acrobat, software que permite a leitura e manipulação de documentos, independente do programa em que foram criados.

A intenção da Adobe é transformar seu PDF em um formato tão comum quanto é hoje o EPS. Uma tarefa não tão difícil já que, depois da fusão, ela está com a faca e o queijo na mão. A diferença é que, pela primeira vez, um produto de outra empresa estará abrindo arquivos PDF. Até agora outros programas, como o PageMaker, só podiam salvar documentos nesse formato, e não ler.



TID BITS

KIT 5

Empresas interessadas em se informatizar com Mac – e que até agora temiam não encontrar softwares administrativos – podem respirar aliviadas. Uma onda de programas gerenciais em português começa a chegar ao mercado nacional.

O primeiro destes é o *Kit 5*, da Ebendinger Systems, um gerador de sistemas baseado no FoxPro, da Microsoft. Com ele, é possível criar sistemas administrativos do zero ou a partir de alguns modelos pré-estabelecidos.

Aguarde resenha detalhada em um número futuro da revista.

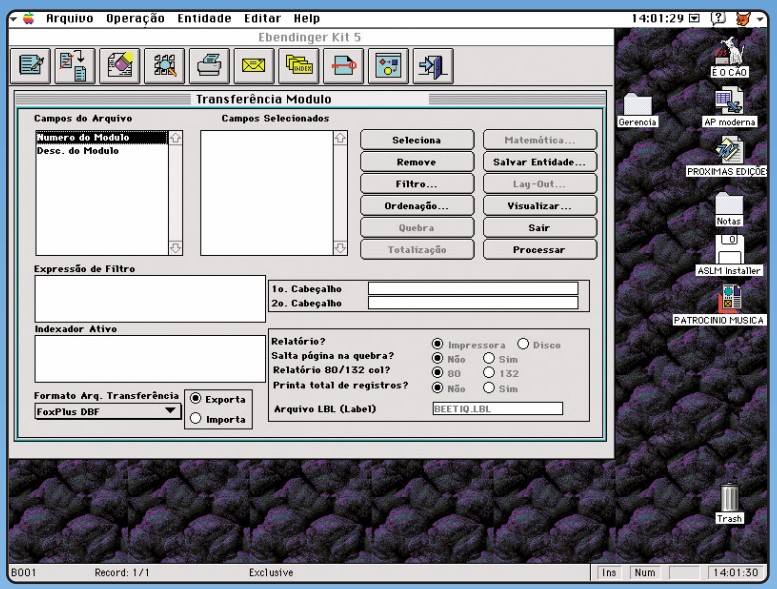
A principal vantagem do *Kit 5* é que ele é multiplataforma, com arquivos que podem ser transferidos entre Macs e PCs. A Ebendinger pretende, para o próximo ano, portar o sistema para estações Unix.

Ebendinger:
(021) 325-8819/325-1287

DISQUETES VOADORES

Sem muito alarde, disquetes formatados para Macintosh estão aterrissando em território nacional. Quem entrou primeiro neste mercado foi a Verbatim, que pretende importá-los regularmente. Recentemente, a *Helios* afirmou que vai importar mil caixas de disquetes Dysan. À primeira vista, um disquete formatado para Mac não parece grande coisa. Mas quem tem uma caixinha deles não empresta, não vende, nem dá. A MACMANIA garante: vale a pena fuçar lojinhas de informática à procura dos tais disquetinhos e arrematar todos os que estiverem à vista. Poupam um tempo precioso, principalmente quando os *deadlines* estão próximos.

Para saber onde encontrar disquetes "Apple Formatted", ligue para:
Verbatim: (011) 574-5991/
0800-11-1613
Helios: (011) 422-2044



Todo mundo está crescendo o olho no mercado de Mac



EXPLODEM OS BBSs

Aumentam as opções para os usuários de Mac que estão afim de se embrenhar na comunidade virtual. Em São Paulo, além do *MacBBS* (011-813-5053/5059/5672) e do *CapsLink* (011-533-8248) surgiu o *Spirit BBS* (011-887-6367/889-0434). O *Spirit* usa o software First Class e pode ser acessado por usuários Mac e PC. Muita informação sobre economia, quadrinhos, ofertas de equipamentos e culinária. Depois da meia-noite, o *Spirit* vira uma abóbora erótica, chamada *After Hours*. Os assinantes dessa opção terão acesso sigiloso a fotos, filmes e poderão trocar mensagens libidinosas e fazer novas amizades (tem até uma seção gay!).

No Rio, o *ArtNet* (021-553-3748) já vem funcionando há um bom tempo, utilizando também o First Class e suas possibilidades multiplataforma. Como o próprio nome já diz, este é um BBS de artista, criado com o intuito de ser um banco de dados informatizado sobre arte brasileira contemporânea, mas que acabou expandindo seus próprios limites e se tornando um ponto de encontro dos macmaníacos cariocas. Segundo o *sysop* Pedro Dória, em breve o *ArtNet* estará inaugurando sua versão paulista.

O MAC É POP

Novembro agitadíssimo para os macmaníacos. Uma equipe da Apple estará no Brasil para diversos eventos e, paralelamente, será deslanchada uma campanha promocional dos Performas 630 *(ver MACMANIA #7)* e 745, que para quem não sabe, é o mesmo velho Quadra 605 de sempre.

Dia 16, no Crowne Plaza, temos o *POP* – Publishing on Power Macintosh, evento destinado a convencer os que ainda não se convenceram de que o Power Mac é "A" máquina para se fazer DTP.

Dia 29, no Centro de Convenções Gazeta Mercantil, acontecerá o SOFTEX, programa de estímulo para desenvolvedores no Brasil produzirem software para exportação, no qual a Apple vai apresentar seu programa de apoio a desenvolvedores.

Dia 1º de dezembro, no U.S. Trade Center, a Apple convida todos os desenvolvedores de software nacionais para um seminário sobre tecnologia Apple, como portar programas de Windows para Mac e os planos da Apple para o Mac no Brasil. Ao final do dia, será sorteado um Mac entre os participantes.

Para se inscrever gratuitamente em algum dos eventos, basta ligar para 0800-13-0003 e falar com Adriana ou Rejane.

TID BITS

NÃO JOGUE FORA SUA MATRICIAL

Para aqueles que não sabiam o que fazer com sua velha impressora matricial, a Epson está trazendo para o Brasil o *EpsonTalk*, um kit de drivers de impressora que permite ligar impressoras Epson de 24 agulhas a um Macintosh através da porta LocalTalk. O *EpsonTalk* seria uma boa opção para quem só precisa de uma impressora barata para texto, se não tivesse o salgado preço de US$ 450. Mesmo assim, ele acaba sendo a única opção para o usuário de Mac que já tem uma Epson ou que quer utilizar o Mac para imprimir formulários contínuos. O *EpsonTalk* inclui uma placa de LocalTalk para a impressora e um disquete com drivers compatíveis com qualquer Mac com System 7.0 ou posterior. A Epson vende também um kit para ligar suas impressoras Action Laser no Macintosh, chamado *EpsonTalk Laser* (US$ 870). Mais informações com as revendas Epson:
Sisco: (011) 574-8877
Supriserve:
(011) 813-3777

UM PARCEIRO PARA DAVID BOWIE

A BMG-ARIOLA está, a partir do final deste ano, no promissor mercado de CD-ROM no Brasil, através de sua divisão BMG Multimídia. Além de distribuir por aqui CD-ROMs de empresas americanas como Ion, Rocket Science e Crystal Dinamics, a BMG Multimídia pretende comprar e editar produções nacionais, principalmente projetos ligados a turismo e ecologia, para serem distribuídos no exterior.
Entre os principais títulos da BMG está *JUMP*, o disco multimídia de David Bowie *(ver MACMANIA #8)*, que até agora só existe em versão para Macintosh. O único porém é que só será lançada no país a versão para PC, quando esta ficar pronta.
O motivo para isso é um velho conhecido. A BMG acertou com a Brasoft a distribuição de seus CDs para o mercado pecezista, mas não encontrou nenhuma empresa interessada em vender CDs para Mac. "Procuramos a distribuidora da Apple no Brasil, mas não tivemos nenhum retorno", disse André Young, gerente da BMG Multimídia. Se algum empresário de visão estiver interessado, o telefone da BMG é (021) 285-1048.



Já falei para não largar o tênis em qualquer lugar!

POWERMACMANIA



O MAC DA IBM

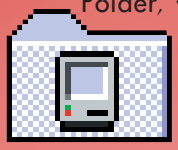
1995 promete ser o ano decisivo na batalha da trinca Apple-IBM-Motorola para transformar o PowerPC em uma séria alternativa à plataforma Intel-Microsoft. A última novidade do front é que a IBM deverá começar a fabricar clones de Power Macs ainda no primeiro semestre do ano que vem.
O motivo para esse ato tresloucado, que está deixando muitos usuários de Mac de cabelo em pé, é bem simples. O projeto da IBM de computadores pessoais baseados no PowerPC – o Power Personal – está atrasado. A previsão é que as primeiras máquinas cheguem ao mercado somente em 97, com sorte no final de 96. Até lá, muito Chicago teria rolado debaixo da ponte, quer dizer, Intel e Microsoft teriam tempo de sobra para reverter expectativas e tentar melar a adoção do PowerPC no mercado corporativo. Para acelerar o processo, a melhor saída para a IBM era embarcar na única plataforma PowerPC que já está implementada, com uma quantidade considerável de softwares nativos: o Power Macintosh.
O Power Mac da IBM deverá ser uma plataforma *high-end*, baseada nos chips PowerPC 604 e, futuramente, no 620, incorporando o novo padrão PCI para transferência de dados. A idéia por trás do lançamento é mostrar que o consórcio que criou o PowerPC está coeso e pronto para a briga, acabando com o boato de que a união Apple-IBM estava para acabar. Boato, álias, foi o que não faltou nos últimos meses.
As três empresas anunciaram também que o PowerPC sairá na frente na corrida por uma arquitetura que possa ser utilizada por qualquer fabricante de hardware ou software. As diferenças entre o padrão de referência da IBM para o PowerPC e a arquitetura RISC desenvolvida pela Apple para os Power Macs serão reduzidas e uma especificação única (chamada AIM, sigla das três empresas do consórcio) será implementada. Qualquer computador construído sobre essas especificações poderá rodar o Mac OS e o OS/2, além de outros sistemas operacionais como AIX, PIN (Processor Independent NetWare, da Novell), Windows NT e Solaris.



SIMPATIPS

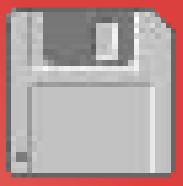
LIMPANDO A CASA

Há uma lata de lixo que não se esvazia sozinha em seu Mac. Com o passar dos tempos e instalações e desinstalações de programas, a pasta *Preferences*, dentro do System Folder, vai se enchendo de documentos inúteis que podem estar lhe roubando preciosos megabytes. Jogue fora os arquivos referentes a programas que você não usa mais e veja quanto espaço lhe sobra.



RESTARTANDO DE FORA

Você não precisa necessariamente utilizar o disco interno do seu Mac como disco de Startup. Se você tem um drive externo (ou SyQuest ou disco ótico) com um System Folder instalado, você pode utilizá-lo, o que é muito útil se o seu discão vai pro espaço ou precisa de reparos urgentes. Para isso, basta ir no Control Panel Startup Disk, escolher o disco externo e restartar. Se quiser poupar tempo, ligue o Mac segurando ⌘-*Option-Shift-Delete*. Ele irá ignorar o disco interno e dará a partida direto do segundo.



ATALHOS DE QUICKTIME

Aqui estão algumas dicas para aumentar o controle sobre os filmes:

• Para rodar um filme, basta dar um clique duplo na imagem ou apertar a tecla de espaço ou *Return*.

• Para parar o filme, clique apenas uma vez nele ou aperte novamente espaço ou *Return*.



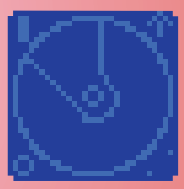
• Clique duas vezes com *Shift* para o filme rodar de trás pra frente.

• Use as setas horizontais do teclado para avançar ou retroceder quadro a quadro. As setas verticais aumentam ou diminuem o som.

• Clique sobre os botões do lado direito do filme para controlar a velocidade com que ele passa.

DISQUETE VAZIO FÁCIL

Alguns leitores escreveram reclamando da dica "O Fim dos Misteriosos Disquetes Quase Vazios", publicada na *MACMANIA #8*. Realmente, há um jeito mais fácil de dar um *rebuild* em um disquete para ganhar espaço. Basta inserir o disquete (com apenas uma pasta vazia dentro) segurando as teclas ⌘-*Option* e depois clicar OK na tela que pergunta se você quer reconstruir o disquete.



QUARKDICAS



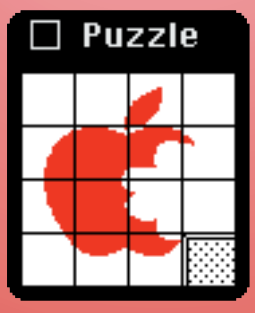
Incomodado com o vagaroso desfile das *extensions* na janela de abertura do QuarkXPress? Basta apertar o cursor sobre a tela de abertura para ver as *extensions* passarem voando e abrir mais rápido o programa. Irritado pela mudança automática entre as ferramentas do toolbox? Aperte *Option* antes de selecionar uma ferramenta que ela não muda mais.

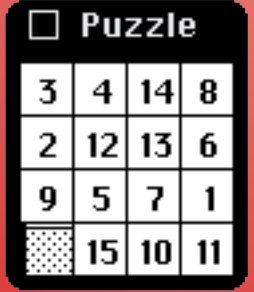
NOVO PUZZLE



Cansou do Puzzle da Maçã? Escolha *Clear* no menu *Edit* que ele se transforma em outro quebra-cabeça. Você também pode copiar *(⌘-C)* e colar *(⌘-V)* qualquer figura nele. Para voltar à maçã, é só pedir *Clear* novamente.







OVO DE PÁSCOA DO GX

Descoberto o primeiro Ovo de Páscoa do QuickDraw GX. Selecione um documento de impressão gerado pelo GX que esteja no Desktop, segure as teclas ⌘-*Option-Shift* e peça *Open*, pelo menu *File*. Aparecerá uma animação do nome QuickDraw GX dando voltas ao redor do respectivo logo. Detalhe: a animação não é QuickTime, ela utiliza as próprias capacidades de animação e distorção de fontes do GX.



CADÊ MEU DISQUETE DA MACMANÍA?

CUPOM INSTANTÂNEO
LIGUE DO SEU FAX PARA (011) 816-0448/CÓDIGO 8494 E RECEBA IMEDIATAMENTE O CUPOM DE ASSINATURA DA MACMANIA!



Banco Fácil 1.3.1
Demo do primeiro programa para Mac desenvolvido no Brasil, em versão revista e atualizada. Controle sua conta bancária diretamente no computador. Indexe suas despesas e receitas ao dólar, real, UFIR ou qualquer outro índice.

Gossamer 2.0
Viaje por estranhos mundos no primeiro programa de Realidade Virtual para o Mac.

Compact Pro 1.33
Um dos melhores compactadores para Macintosh. Ideal para troca de arquivos via modem.

Desinfectant 3.5
A última versão do melhor programa anti-vírus freeware para o Mac.

Folder Icon Maker
Decore seu desktop com pastas com os ícones de seus programas favoritos.

Eclipse 2.1.0
Tudo que você poderia querer de um screensaver: bom, bonito, barato, não dá pau e ocupa pouco espaço. E ainda faz propaganda de sua empresa.

Space Junkie
A volta de Space Invaders, um clássico dos fliperamas, revisto e melhorado. Você não vai conseguir passar da fase 6.

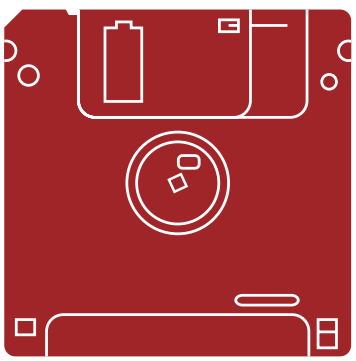
Software FPU 2.45
Emula um co-processador matemático em Macs que não tem FPU, como os modelos LC, IIsi, Classic e Quadra 605. Melhora o desempenho de programas emulados no Power Macintosh.

Window
Descubra as vantagens de trabalhar no ambiente Windows dentro do seu Macintosh. O programa perfeito para aqueles que nunca mexeram em um PC conhecerem a realidade da plataforma mais popular do mundo. Atenção: isto é uma piada!

PostScript Error
Os trabalhos feitos com essa fonte exclusiva criada pelo ilustrador e tipólogo Tony de Marco com certeza saltarão aos olhos quando saírem da impressora.

Folders Exclusivos
A melhor, a maior e a única coleção de pastas criadas por macmaníacos brasileiros.

Quem ainda não assinou a MACMANIA não sabe o que está perdendo! Um disquete com oito softwares shareware, uma demo do primeiro programa para Mac desenvolvido no Brasil, uma fonte exclusiva e dezenas de pastas decoradas e sons para animar seu Desktop. Garanta já o seu, fazendo imediatamente uma assinatura da MACMANIA.



Para obter maiores informações basta ligar para (011) 284-6597

RESENHAS

AQUAZONE

9003 Inc.
Preço: US$ 79,95
Configuração: Mac 68020, System 6.0.7 ou posterior
Intuitividade:
Interface:
Diversão:
Custo/Benefício:

Aquazone é um simulador de aquário com uma interface bastante legal, ideal para distrair as tensões do dia-a-dia. Entre um texto e uma planilha, dar uma olhadinha para ver como andam seus peixinhos, pode ser relaxante.

É preciso muita intuição, pois o manual é um tanto genérico e não entra em detalhes, de até certa importância, como a procriação. O que fazer com os ovinhos? Tudo fica por conta do dono do aquário, como na vida real. Criar um aquário virtual é gostoso. Tem bastante badulaque para enfeitar e criar ambiente para os bichinhos. Você pode colocar cenários de fundos, algas, moinhos e até uma estátua do Pensador. Mas, cuidado! Não entulhe demais, porque você corre o risco de não poder mexer no *layout* (que permite arrumar os objetos dentro do aquário), por falta de memória para tal. Depois de preparado o ambiente, colocam-se os peixinhos. Aí sim vai mais uma crítica: poderiam ter colocado um menu mais variado, mais colorido – uns peixinhos dourados ou uns acarás... Infelizmente, o programa só traz dois tipos de peixe (Leopard Catfish e Neon Tetra). Parece que a idéia de seus criadores é enriquecer com a venda de disquetes opcionais, com novos peixes e acessórios. Mas se não tem tu, vai tu mesmo! Povoe seu aquário seguindo seu bom senso e as poucas dicas do manual. Cuidado com a superpopulação!

Aquazone é bem realista. Mesmo que você não abra o programa, ele conta os dias que estão passando. É preciso abrir o programa todos os dias, alimentar os peixes, cuidar bem deles e mantê-los vivos e sadios. Não é porque os peixes são virtuais que você não irá se afeiçoar a eles. É frustrante receber o aviso de que um (ou mais) dos peixinhos morreu, ao som de uma musiquinha sinistra.

A grande vantagem do aquário eletrônico é que ele já vem com o veterinário (que não manda a conta depois!). Se um peixe fica doente, é logo diagnosticado e é fácil descobrir o tratamento certo. Abra um novo aquário – tipo hospital – e transfira os doentes para que eles não infectem os demais. Contudo, aqui entra de novo a intuitividade, pois a posologia também é bastante genérica. Não é muito fácil curar os doentinhos.

A transferência de um aquário para outro é um pouco chatinha, deixando a desejar ao usuário Mac – está mais para PC. Tem que ser na base do abre-e-fecha, passando por um arquivo de transferência específico, pouco prático.

Pena que o software não tenha sido criado como um *screen saver*, que entrasse direto no lugar das torradeiras ou do Mickey. Seria a união do útil ao agradável. E também uma garantia contra a preguiça de ter que ir até o Finder e esperar o programa abrir para saber como andam seus bichinhos.

Apesar das pixações acima, Aquazone é uma diversão bastante válida. Não é um game, mas também não é um software educacional. Ajuda a desenvolver a responsabilidade dos baixinhos (e dos altinhos também) e ao mesmo tempo cria uma certa competição para ver quem mantém seus peixes vivos por mais tempo. E não há derrota maior que ver seu peixinho favorito morrer.

Astrid Kopp Vanuzzi

LITS Compute:
Tel. (001) 714-955-4968

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DE SOFTWARES

INTUITIVIDADE- Até onde você pode ir, sem abrir o manual.

INTERFACE- A cara do programa. O jeito com que ele se comunica com o usuário.

PODER- O quanto o programa se aprofunda em sua função.

DIVERSÃO- Só para games, dispensa explicações.

CUSTO/BENEFÍCIO- Veja aqui se o programa vale o quanto pesa.



Com o tempo, você vai percebendo que cada peixe tem personalidade própria

CADA ACENTO NO SEU LUGAR

Figura 2

TABELA DE ACENTUAÇÃO DO TECLADO AMERICANO

á = Option E + A
é = Option E + E
í = Option E + I
ó = Option E + O
ú = Option E + U
Á = Option E + Shift A
É = Option E + Shift E
Í = Option E + Shift I
Ó = Option E + Shift O
Ú = Option E + Shift U
à = Option ` + A
è = Option ` + E
ì = Option ` + I
ò = Option ` + O
ù = Option ` + U
À = Option ` + Shift A
È = Option ` + Shift E
Ì = Option ` + Shift I
Ò = Option ` + Shift O
Ù = Option ` + Shift U
â = Option I + A
ê = Option I + E
î = Option I + I
ô = Option I + O
û = Option I + U
Â = Option I + Shift A
Ê = Option I + Shift E
Î = Option I + Shift I
Ô = Option I + Shift O
Û = Option I + Shift U
ã = Option N + A
õ = Option N + O
Ã = Option N + Shift A
Õ = Option N + Shift O
ç = Option C
Ç = Option Shift C
ü = Option U + U
Ü = Option U + Shift U

Onde estão os acentos? Essa é a primeira pergunta que aparece na cabeça de quem pega um Macintosh para escrever pela primeira vez. Para quem saiu da máquina de escrever e partiu para o computador achando que ia dar um salto de produtividade, ter que apertar *Option-E* e depois *Shift-A* para conseguir um mísero "Á", parece mais um salto para trás. Cadê a tal intuitividade e facilidade de uso do Mac?

O Macintosh foi criado com o intuito de ser um computador mundial, facilmente aclimatável de acordo com as características de cada país. Graças a isso, a acentuação no Mac, comparada com outras plataformas, até que é uma coisa bastante prática. Basta ir até o *Control Panel Keyboard* (teclado, fig. 1) e escolher o mapa de teclado mais adequado à sua língua. Não é preciso restartar, nem mesmo sair do programa em que você está escrevendo para mudar a configuração do teclado de inglês americano (o *default*) para português ou swahili. O problema é que, para escrever em português, você precisa ter o mapa de teclado brasileiro, um documento insignificante que fica dentro da maleta *System*, no seu System Folder. Sem ele, o jeito é decorar a tabela de acentuação em inglês (fig. 2) ou acionar o *Key Caps* (figs. 3 e 4) toda vez que quiser saber onde fica determinado acento ou caractere especial.

Figura 1



ESCREVENDO EM BRASILEIRO

Tudo fazia crer que a salvação chegaria com o lançamento do sistema operacional em português. Ledo engano. Junto com o sistema em português, é vendido o nefando "teclado brasileiro", que de brasileiro não tem nada, pois é fabricado na Irlanda. Se por um lado o tal teclado ajuda o usuário novato, pois tem teclas de C cedilha e acentos graves e agudos, por outro atrapalha muito, porque no lugar das palavras *Control*, *Option* e *Shift*, ele apresenta sinais cabalísticos que ninguém por aqui está acostumado a utilizar. Além disso, o mapa de teclado brasileiro incluído no sistema nacional só funciona com este tipo de teclado. Quem tem um Mac com teclado americano e o System 7 em português, continua a ver navios. E tendo que decorar a tabelinha.

Se você tem teclado americano e não quer decorar tabelas, ainda há uma solução. No banco de softwares da MACMANIA, no MacBBS (011- 813-5053/5059/5672), há um documento chamado *Brasil*. Este é o mapa de teclado que utilizamos na redação e que facilita bastante nosso trabalho. Sua principal vantagem é transformar o *Option* em acento agudo e utilizar o circunflexo acima do número 6. Basta arrastá-lo para o System Folder e selecioná-lo através do *Control Panel Keyboard*. Não tem modem? Então só lhe resta aguardar a próxima edição do disquete do assinante, na qual incluiremos o dito documento. E, então, todos poderemos digitar felizes para sempre... ❦

Figura 3



Acesse o Key Caps pelo Apple Menu

Figura 4



Tecle Option para ver os outros sinais

SOMANDO BANANAS E MAÇÃS





Carlos Freitas*

Há alguns meses, os usuários de Macintosh vêm se deparando com um anúncio veiculado por uma revenda Apple que proclama vender "maçã a preço de banana".

Realmente, uma revenda oficial vendendo um Quadra 605 com monitor por US$ 1.450 é uma coisa que merece uma investigação.

A MACMANIA foi atrás da revenda em questão, a TeleMaker, e descobriu que havia um pequeno detalhe, não mencionado na propaganda: o referido monitor era monocromático. E mais, era um monitor de PC! E mais ainda, havia sido adaptado para o Macintosh por uma empresa nacional!

"Os usuários de Mac e a própria Apple desprezam o monitor preto-e-branco, mas isso é um erro", diz Pedro Meinrath, diretor da TeleMaker. "Aplicações como processamento de texto, planilhas e até mesmo editoração eletrônica de livros e jornais, não precisam de cor. Para um jornal ou uma editora, comprar Macs com monitores monocromáticos pode representar ao mesmo tempo uma grande economia e ganhos de produtividade."

Meinrath foi o inventor do conceito "Macintosh Tropical", a união de um computador Apple e um monitor fabricado no Brasil. Segundo ele, a TeleMaker e a VGArt – um dos maiores fabricantes brasileiros de monitores – estão, desde o início de 94, desenvolvendo a adaptação de monitores para o Macintosh. "Decidi optar pela parceria com um fabricante nacional depois de enfrentar muitos problemas com empresas multinacionais, principalmente no que se refere à manutenção e assistência técnica. Houve casos em que fui obrigado a esperar seis meses pelo conserto de um monitor, o que acarretava sérios problemas de relacionamento com meus clientes. Com a VGArt, a coisa é diferente. Se um monitor pifar, ele é trocado na hora."

Toda essa discussão, acabou levantando uma séria questão. O usuário de Mac nacional toma, como dogma incontestável, que o único monitor que pode ser utilizado com um Macintosh é o monitor Apple. A Apple possui seis tipos diferentes de monitores, mas nem sempre eles se enquadram nas necessidades do usuário. Às vezes, um monitor de outra marca pode oferecer aquela característica X pela qual você estava esperando.

Mas qual monitor? No Brasil, onde a palavra Macintosh ainda faz arquear de espanto as sobrancelhas dos vendedores de lojas de informática, perguntar qual é o monitor mais adequado para se usar com o Mac pode resultar em qualquer resposta, menos a certa.

A rigor, qualquer monitor *multisync* (capaz de sintonizar sinais de vídeo com frequências variadas), acompanhado do devido adaptador, pode ser plugado em um Macintosh. Em casos extremos de caixa baixo, você pode até ligar um velho e bom monitor coreano de R$ 300. A imagem, com certeza não será aquela Brastemp, mas há casos em que isso se justifica. Quem trabalha com multimídia ou Desktop Video em um Mac ligado a dois monitores, por exemplo, não precisa de dois monitores de alta resolução. Pode muito bem usar um belo monitor de 20" envenenado ao lado de um Samsungão comprado na Feira da Pechincha.

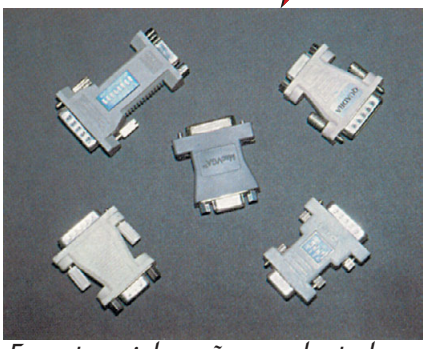
Mas o usuário de Mac é um cara sofisticado, que jamais recorreria a estes artifícios. O que ele quer é um monitor que lhe dê mais e não menos do que um monitor com a griffe Apple pode dar (por via das dúvidas, damos aqui todas as dicas sobre como ligar qualquer monitor de PC em um Mac).

Pensando nisso, a MACMANIA resolveu fazer um grande teste com os melhores monitores à venda no mercado nacional, levando em conta não só a qualidade e preço, mas também a existência de uma assistência técnica e o interesse do fabricante em atender o mercado Macintosh, um fator importantíssimo para que o usuário fique satisfeito como consumidor.

Para supervisionar o teste do LABMANIA, convidamos o engenheiro e consultor Paulo Carlos Ferreira dos Santos, que foi durante dois anos responsável pelos testes de hardware do laboratório da revista PC Magazine, além de ter trabalhado como projetista de monitores.



RESOLUÇÕES E ADAPTAÇÕES



Esses trequinhos são os adaptadores

O segredo da adaptação de um monitor de PC em um Mac está em uma pequena peça que é colocada entre o final do cabo do monitor e a saída de vídeo do Mac: o adaptador.

Existe uma infinidade de modelos de adaptadores para Macintosh, mas nem todas as empresas que afirmam vender monitores compatíveis com Macintosh incluem o adaptador no preço do produto. Em alguns casos, ele é vendido como opcional, em outros nem está disponível, sobrando para o usuário a tarefa de ir atrás do seu, que pode ser comprado de outros fabricantes ou de revendas Apple. O preço de um adaptador pode variar de R$ 20 a R$ 40.

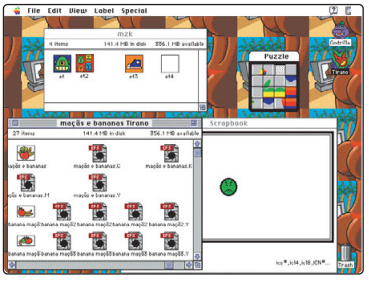
O adaptador tem um papel fundamental: permitir que os monitores *multisync* sincronizem, em várias resoluções, com o sinal de vídeo emitido pelo Mac. Os modelos standard geralmente permitem apenas a resolução de 640x480 pixels, equivalente à tela de um monitor Apple de 13" ou 14". Adaptadores mais sofisticados possuem chaves que podem ser ajustadas em resoluções maiores, como 832x624 e 1024x768 pixels.

Para o usuário de Mac, toda essa conversa sobre resoluções pode parecer física quântica. Isso é compreensível, porque, no Mac, a prioridade sempre foi o tal do WYSIWYG ("What You See Is What You Get" ou "O que você vê é o que você tem" quando imprime). Ou seja, um computador voltado para a editoração eletrônica deve ter como objetivo conseguir que a imagem na tela seja o mais fiel possível ao resultado impresso.

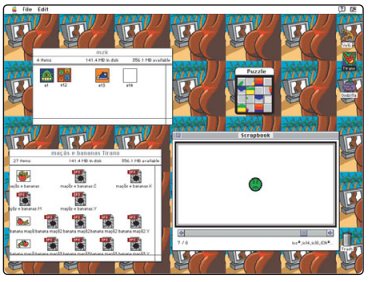
Com o aumento da utilização do Mac em áreas como multimídia e Desktop Video (onde o que você vê é o que você vê e acabou o papo), a capacidade de se trabalhar em resoluções de vídeo maiores se tornou mais importante, já que assim você obtém uma maior área de trabalho na tela. Mesmo em DTP, uma maior resolução pode ser mais importante que o WYSIWIG, como na hora de se ter uma visão geral do trabalho, por exemplo.

O aumento de resolução, no entanto, pode reduzir a quantidade de cores mostradas pelo monitor. Um Mac que reproduz 32.768 cores em um monitor de 14" (640x480 pixels) pode ter sua capacidade reduzida para 256 cores quando este monitor estiver emulando uma tela de 16" (832x624 pixels). Tudo isso, é claro, depende da quantidade de VRAM (*Video-RAM* ou memória de vídeo) que estiver instalada. É bom saber o quanto de VRAM você tem instalada no seu Mac. Quanto mais memória, maior o número de cores simultâneas na tela.

É importante ressaltar que a adaptação de um monitor de PC em um Mac é um processo tranquilo apenas nos modelos mais recentes (do LCII para cá). Para tirar proveito da maior disponibilidade e menor custo dos monitores *multisync*, a Apple sofisticou o Macintosh, permitindo que ele emitisse frequências de vídeo que não existiam no projeto original, como VGA e SVGA. Macs mais antigos não sincronizam com essas frequências e só funcionam com monitores que aceitam os sinais específicos do Mac.



Resolução 640x480



Resolução 832x624

ONDE COMPRAR ADAPTADORES

ECC- (011) 884-7799
TeleMaker - (011) 530-6078











Monitor	Tatung 15" Multi-Mode	Philips 15" Autoscan	VGArt 15" Multiscan	ViewSonic 15" Monitor
Preço (R$)	600,00	742,34	747,50	933,00
Prós	Tem som estéreo	Tem som estéreo	Boa imagem em 640x480	Controles poderosos
Contras	Brilho excessivo	Não tem adaptador	Perde definição em outras resoluções	Ajuste complicado
Especificações				
Tela ativa (mm)	330	335	331	334
Dot Pitch (mm)	0.28	0.28	0.28	0.27
Resolução máxima	1024x768	1024x768	1024x768	1024x768
Peso (kg)	12.4	15	15.2	15
Consumo máximo de energia (W)	85	100	130	120
Controles				
Brilho/Contraste	analógico	analógico	digital	analógico
Posição da tela	digital	analógico	digital	digital
Tamanho da tela	digital	analógico	digital	digital
Pincushion	não	não	sim	sim
Degauss	não	não	sim	sim
Reset/Memory	não	não	sim	não
Adaptador	opcional	sim	sim	sim
Representante	ELEBRA Informática	PHILIPS Consumer Eletronics	VGART	Brasil ComZ
Telefone	(011) 969-1655	(011) 530-7111	(011) 581-2366	(011) 813-9275



O QUE OBSERVAR ANTES DE COMPRAR UM MONITOR

Monitores são como aparelhos de som: você pode ficar horas lendo as especificações técnicas, mas o que vale mesmo é o teste de campo. Antes de gastar algumas centenas de reais em um novo monitor, convém dar uma analisada em sua qualidade de imagem. Aqui estão alguns defeitos que podem ser observados a olho nu:

Flicker (piscada) - Deixe o monitor com uma tela branca, desvie o olhar em 45° e tente observá-lo com o canto dos olhos. Se perceber que a tela está tremendo, é um sinal de que o monitor tem problemas de frequência.

Pincushion (almofada) - Distorção geométrica em que as bordas da tela parecem se curvar para dentro. Alguns monitores tem controles para ajustar o *pincushion*. Quando a tela parece se curvar para fora, a distorção é chamada de *barrel* (barril).

Trapézio - Outra distorção geométrica, em que o lado superior ou inferior da tela está menor que o lado oposto. Alguns monitores também têm controles específicos.

Mínimo brilho utilizável - Tente ajustar o brilho e o contraste do monitor, de modo que o preto fique do mesmo tom que as bordas da tela. Uma imagem com uma faixa preta e outra branca serve para o teste, se bem que o ideal é ter uma tela com faixas em degradê de tons de cinza, do preto ao branco. Se o branco continuar branco, o monitor tem um bom controle de brilho, se ele estiver escuro, tendendo para o cinza, devolva o monitor para o fabricante.



Uniformidade - Deixe a tela com um fundo cinza. Veja se o cinza é uniforme em toda a tela ou se aparecem manchas em algumas regiões.

A VERSÃO WINDOWS DO BANCOFÁCIL VENDEU TANTO QUE O RICARDO TANNUS JR VAI SER CAPA DA VEJA COMO "O BILL GATES BRASILEIRO"



ADD 15" CTX	Goldstar 15"	NEC 3FGe
900,00	650,00	794,50
Boa precisão geométrica	Barato	–
Cores mal calibradas	Pouca definição	Pouca assistência
335	339	324
0.28	0.28	0.28
1024x768	1024x768	1024x768
15.7	13.7	17.3
90	120	–
analógico	analógico	analógico
digital	digital	analógico
digital	digital	analógico
não	sim	sim
não	não	sim
sim	sim	não
sim	não	não
ADD	Goldstar do Brasil	Scopus Tecnologia
(011) 524-8777	(011) 284-4476	(011) 834-9811 ramal 1698







TESTE DE MONITORES

Testamos sete monitores, todos *multisync*, de 15". Escolhemos os monitores de 15", porque eles são os que permitem comparação com os monitores de 14" da Apple, o monitor das configurações standard vendidos no Brasil. Na verdade, o tubo de imagem de um monitor de 15" mede o mesmo que um de 14" ou de 13". As mudanças na nomenclatura obedecem mais a critérios mercadológicos do que espaciais.

Todos os monitores são compatíveis com o Energy Star, protocolo americano para conservação de energia. Isso significa que, após algum tempo sem uso, eles escurecem a tela automaticamente, poupando energia elétrica.

Em termos de qualidade de imagem, a maioria dos monitores se situam em uma faixa entre o Apple Color Plus, o monitor mais barato da Apple, e o Macintosh Color Display, que possui tubo Sony Trinitron.

A primeira coisa que alguém que está acostumado com os monitores Apple de 14" estranha quando se depara com um monitor *multisync* é a quantidade de botões que ele possui. Eles servem exatamente para adequar a imagem do monitor às variadas frequências que ele pode suportar. Alguns monitores têm controles totalmente digitais



MONITORES APPLE

Dentro do esforço da Apple para transformar o Mac em um computador competitivo com clones de PC, uma mudança radical foi feita em relação ao projeto original dos monitores Apple. Enquanto no mercado pecezista havia um festival de frequências para saída de vídeo (VGA, SVGA, MCGA, VESA), os monitores Apple sempre foram *monosync*, isto é, possuíam uma única frequência, que garantia qualidade e consistência à sua imagem.

Com o lançamento da linha LC, o enfoque mudou em direção ao baixo preço e, gradativamente, aos monitores *multisync*. Na ânsia de cortar os custos do Mac, a Apple chegou a dar suas derrapadas, como por exemplo, com o monitor Apple Basic Color, um dos piores monitores que já foram plugados em um Mac.



Quem não queria ter um desses?

Hoje existem seis modelos de monitores Apple, todos de boa qualidade. Os valores (abaixo) são preços de lista, que podem ter descontos diferenciados de acordo com cada revenda.

Apple Color Plus 14" (R$ 601,00) - É o monitor Apple mais barato. Aceita apenas a resolução de 640x480 pixels. Apesar da marca Apple, é produzido na Coréia, o que não quer dizer nada, já que a maioria dos monitores fabricados hoje em dia vem de lá.

Macintosh Color Display (R$ 753,00) - Monitor de excelente qualidade, graças a seu tubo de imagem Sony Trinitron. É fácil identificar um tubo Trinitron: ele tem uma "linha cega" na metade inferior da tela. Muitos usuários novatos quando vêem essa linha acham que compraram um monitor com defeito, mas isso não é verdade.

Apple Audiovision 14 Display (R$ 1.027,00) - É o famoso monitor AV, pronto para multimídia, com microfone e alto-falantes estéreo embutidos de som limpo e brilhante. O tubo também é Trinitron. Se o seu objetivo é trabalhar com multimídia, esse é o monitor.

Apple Multiple Scan 15" (R$ 954,00), **17"** (R$ 1.870,00) e **20"** (R$ 3.664,00) - Esses são, como o nome já diz, monitores *multisync*, de qualidade excelente. Os modelos maiores têm tubo Trinitron. Todos atingem resoluções de 640x480 a 1024x768 pixels e servem tanto para Mac quanto para PC.

o que, à primeira vista, pode parecer muito bom, mas não é. Ajustes de brilho e contraste são mais fáceis de serem feitos com controles analógicos. Outro perigo são os monitores com botões que distorcem a tela, mas que não tem botão de *Reset*, cuja função é devolver à tela seu ajuste de fábrica.

Realizamos uma bateria de testes objetivos e subjetivos para ver qual monitor se adequava melhor ao Macintosh. Aqui estão alguns comentários sobre eles, dispostos em ordem alfabética.

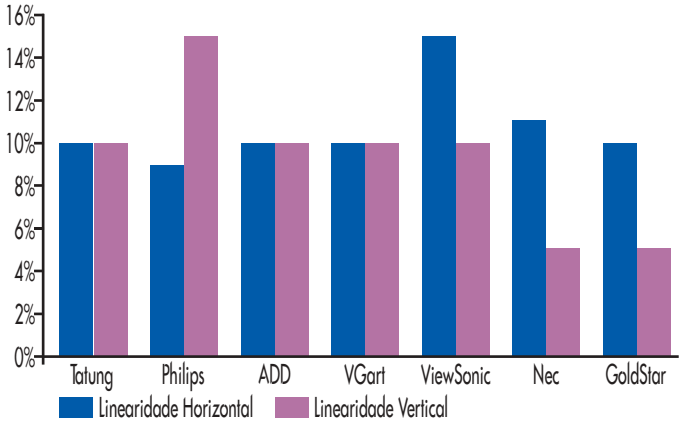
ADD 15"CTX

O monitor da ADD é o único que ostenta a marca de *Indústria Brasileira* em sua parte traseira. Mesmo assim, seu manual está em inglês. Tem ajuste de *pincushion* e trapézio, mas os controles totalmente digitais dificultam o ajuste. Durante os testes, o ADD apresentou uma grande precisão, com pouca distorção geométrica. Mas sua calibração de cores deixou a desejar, puxando para o amarelo.

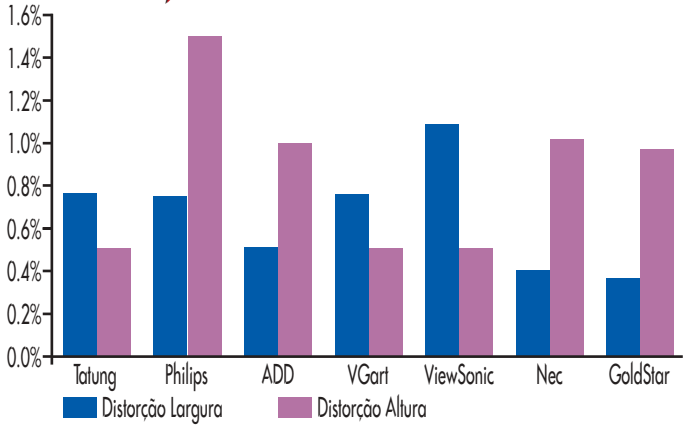
Goldstar 15"

A bola preta do teste ficou com o Goldstar que, apesar do seu desempenho relativamente bom nos testes de distorção geométrica, ficou abaixo da qualidade de imagem média dos monitores testados. O monitor perdia o sincronismo quando a resolução era alterada e o registro do preto na tela era muito alto, destacando-se das bordas mesmo com o menor brilho possível. Os controles

LINEARIDADE VERTICAL E HORIZONTAL



DISTORÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

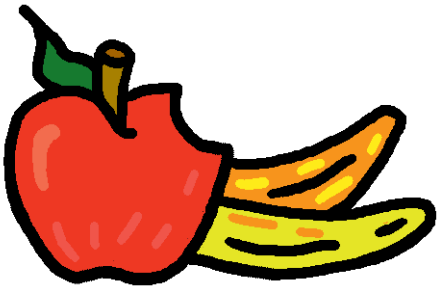


Esses gráficos mostram a distorção geométrica de cada monitor. Quanto menor a barra, menor a distorção e mais preciso o monitor.

são digitais, exceto os de brilho e contraste, que são analógicos. Não tem adaptador para Macintosh.

NEC 3FGe

O NEC foi uma surpresa, infelizmente, triste. Um monitor reconhecidamente de boa qualidade (utilizado inclusive na redação da MACMANIA), com controles precisos e eficientes, manual claro e detalhado e boa adequação ao Macintosh, tem problemas de atendimento no Brasil. Talvez por não ter interesse pelo mercado Macintosh ou nos produtos da



NEC, a Scopus, distribuidora dos monitores NEC no Brasil, está perdendo uma grande oportunidade.

O aparelho entregue para teste foi um modelo fabricado há dois anos, o 3FGe. Além disso, ele apresentava sérios problemas na calibração de cores (puxando para o vermelho, com manchas generalizadas) e piscava intermitentemente. O adaptador, que nos EUA é incluído gratuitamente quando o monitor é vendido para um usuário de Mac, não está disponível no Brasil. Apesar de reconhecer a qualidade dos monitores NEC, não podemos recomendá-los aos usuários nacionais.

Philips 15" Autoscan

Além de uma ótima qualidade de imagem, o monitor Philips traz um *plus* que deve agradar a muita gente. Ele tem entrada e saída de áudio estéreo, além de uma saída frontal para fone de ouvido, uma boa pedida para quem trabalha com multimídia. A qualidade do som só não é igual a de um monitor Apple AV, porque os alto-falantes ficam na lateral do monitor, dispersando o som, que tem uma qualidade muito boa.

Seu manual é bem completo e é o único com informações em português. Os controles são analógicos e não incluem ajuste de *pincushion*.

Tatung 15" Multi-Mode

O Tatung, apesar de ser uma marca pouco conhecida, apresentou uma boa qualidade de imagem e pouca distorção geométrica. Seu ponto fraco foi o registro de preto, muito alto, que não permitia a calibração ideal entre branco e preto. Possui uma função bastante original: zoom. A imagem cresce até tomar a tela toda.

Seu manual precisa melhorar bastante: é pouco explicativo e sem nenhuma referência ao Macintosh. Também tem entrada e saída de áudio estéreo, mas a qualidade do som é um pouco inferior à do Philips. O adaptador (opcional) tem chaves para várias resoluções. É perfeito para quem está procurando um monitor barato, de qualidade mediana.

VGArt 15" Multiscan

O VGArt apresentou uma boa qualidade de imagem na resolução de 640x480 pixels, mas perdeu definição quando colocado em resoluções mais altas. Seus controles (digitais) são bastante completos – com ajustes para *pincushion/barrel* e trapézio –, mas seu *Reset* só funciona para brilho e contraste, não para a posição da tela.

ViewSonic 15" Monitor

O único monitor projetado para editoração eletrônica, com controles fáceis de manipular e alguns ajustes encontrados apenas em monitores *high-end*, como temperatura de cor. O manual é bem completo, contando inclusive com um glossário de termos técnicos.

O ViewSonic tem funções para *heavy-users*, que podem confundir os usuários que estão chegando agora. Seu adaptador é o mais profiça de todos, só que é preciso decorar as posições das chaves para atingir a resolução desejada. Você pode "salvar" um *setting* de tela do monitor, em uma determinada resolução, mas não há como dar um *Reset* para que ele volte ao *setting* original de fábrica, o que pode fazer um usuário pokaprática perder muito tempo com ajustes.

O maior problema do ViewSonic é que a empresa está há pouco tempo no mercado e ainda não tem uma assistência técnica autorizada, mas, segundo seu distribuidor, isso deve ser resolvido em breve.

VAI PARA O TRONO OU NÃO VAI?

Qual o melhor monitor? O melhor em termos de custo/benefício ou em qualidade de imagem? O melhor para multimídia ou para CAD? O melhor para minha casa ou para minha empresa?

Boa pergunta! O melhor monitor é aquele que se adequa o mais anatomicamente possível à sua necessidade, ao seu bolso, à sua expectativa. O LABMANIA testou exaustivamente sete monitores para trazer ao usuário de Mac brasileiro uma idéia da situação dos monitores para Mac vendidos no país. Se banana é melhor que maçã – ou vice-versa –, você decide.

* Colaboraram: Heinar Maracy
P. C. Ferreira



Filtrando imagens



Valter Harasaki

O Photoshop é o canivete suíço da editoração eletrônica. Esse programa, além de ser útil na criação e finalização de imagens digitais, é imprescindível na elaboração e melhoria de fotos. Normalmente ele é mal aproveitado, já que poucos leêm o manual, e quando o fazem, geralmente não conseguem entender as diferenças entre um recurso e outro. Um exemplo é a utilização dos filtros, ignorados por uns e pouco utilizados por outros.

O bom uso dos filtros é capaz de alterar significativamente a qualidade final das imagens, produzindo um fotolito de excelente qualidade.

O pai de todos os filtros é o *Sharpen* (focar ou aprimorar, em inglês). Toda foto escaneada perde um pouco de foco quando se usa um scanner de mesa com poucos recursos. Esse filtro aumenta a nitidez das imagens, usando um artifício que é aumentar o contraste entre os pixels vizinhos que formam a imagem. No Photoshop, existem quatro tipos de *Sharpen* e cada um tem resultados diferentes:

Sharpen – Foca toda a imagem. É um filtro muito rápido, mesmo em computadores lentos ou em imagens grandes. O problema é que não existe controle sobre o resultado final.

Sharpen more – É como passar o filtro *Sharpen* três vezes na mesma imagem.

Sharpen Edges – Aumenta o contraste das bordas (diferenças de cor) de uma imagem. O resultado é o aumento de foco nos contornos.

Unsharp Mask – É o filtro *Sharpen* mais sofisticado. Você tem o controle do filtro. É um pouco lento, mas os resultados são surpreendentes. Experimente e perceba a sutil diferença entre focar uma vez 100% e duas vezes 50%.

O oposto de *Sharpen* é o *Blur* (borrar). Além de servir para criar efeitos, ele é muito útil quando alguma imagem fica muito granulada ou com *moirés*. O uso combinado de *Blur* e *Sharpen* pode salvar uma foto perdida. Existem cinco níveis de *Blur:*

Blur – desfoca toda a imagem uniformemente.

Blur More – equivale a três passadas de *Blur.*



Foto original de um falsário, em pleno museu do Louvre.



Efeito de profundidade, na área do fundo, com Gaussian Blur.

A MICROSOFT VAI COMPRAR A AT&T, A NINTENDO VAI COMPRAR A MICROSOFT E O VATICANO VAI COMPRAR A NINTENDO

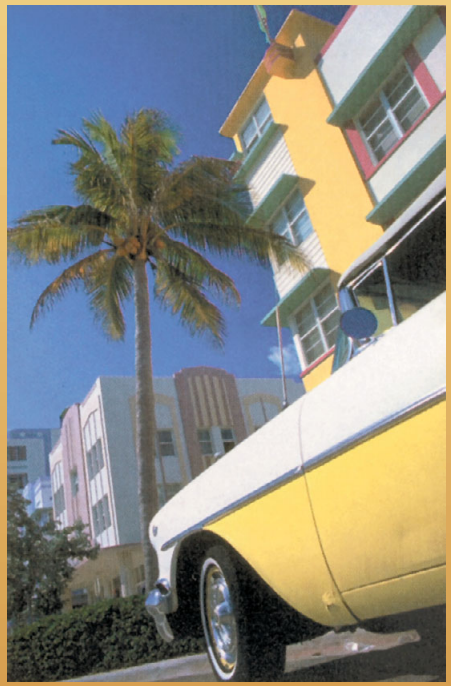


Acima, foto sem tratamento. Ao lado, com filtro Motion Blur.

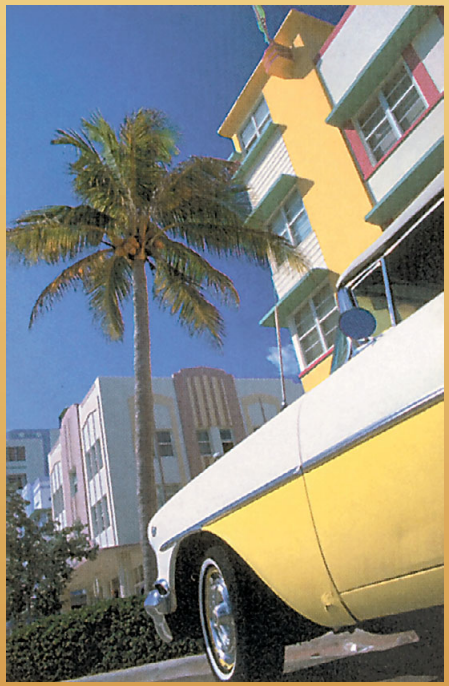


Pouca intensidade na frente do carro e muita na traseira.

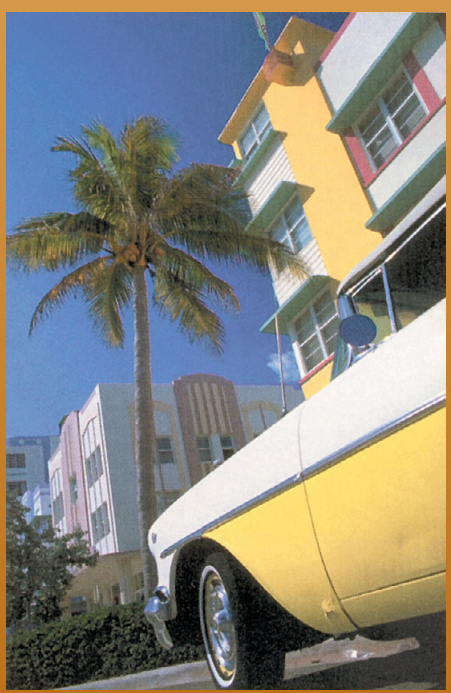
Motion Blur – para fazer efeitos de movimento.
Gaussian Blur – o inverso do Unsharp Mask. Você escolhe a intensidade da "borrada" nos pixels, de 1 a 99.
Radial Blur – imita o "zoom blur" da fotografia convencional, deixando as imagens focadas no centro e desfocadas nas bordas, dando ilusão de movimento.
Experimente também o filtro *Despeckle*, no menu *Noise*, que desfoca a imagem sem modificar a nitidez nos contornos.
O *Diffuse*, no sub-menu *Stylize*, é parecido com o *Blur*, mas o efeito final é como se uma foto fosse fotografada com filtro *Glow* para deixar a imagem enevoada – o famoso "efeito Penthouse".
Se a imagem for feita a partir da captura de de vídeo, é necessário utilizar o filtro *De-Interlace*, do sub-menu *Video*. Ele compensa o entrelaçamento de pixels que acontece quando uma cena de vídeo em movimento é transformada em uma imagem estática.
É importante observar que os exemplos aqui apresentados estão com 254 dpi. Os mesmos filtros aplicados em imagens com outra resolução terão um efeito diferente.
Além desses filtros, existem outros filtros *standards* no Photoshop para criação de efeitos e distorções de imagens. Eles foram concebidos para uma utilização mais criativa do Photoshop e suas utilidades não são para melhorar a qualidade de um imagem e sim para a manipulação estética, indo além da melhoria técnica. Esses filtros – muito populares entre quem começa a mexer com imagens no Mac, e que muitas vezes são inadvertidamente utilizados para o Mal – serão assunto para uma próxima edição.



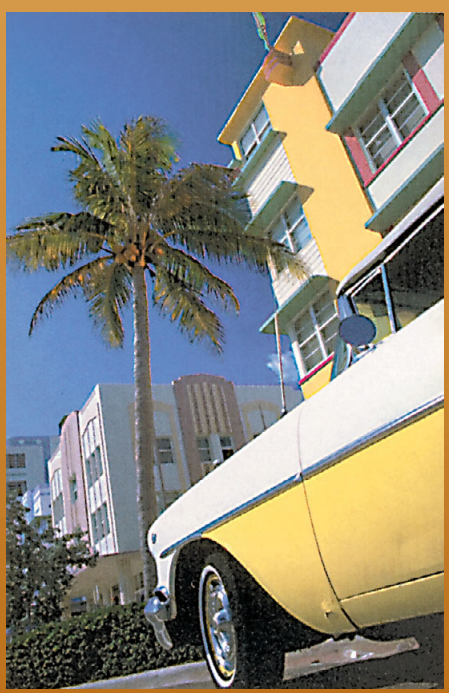
Acima, foto original. Ao lado e abaixo, imagens tratadas com Unsharp Mask.



Amount 200% (grau de nitidez), Radius 2 pixels, Threshold 10 (contraste).



Amount 50%, Radius 1 pixel (as bordas ficam menos evidentes), Threshold 0.



Escangalhe sua imagem com: Amount 400%, Radius 4 pixels, Threshold 50.



Foto: Fadiga

Lotação esgotada! Mais de trezentas pessoas se apertavam no Queen's Legs Pub, na Lagoa.



Foto: Heinar

Os garçons tinham extrema dificuldade de se movimentar, tamanha a animação do povo.

O U AUÊ AÍ, O!

Traduzindo: Olha a festa da MACMANIA aí, gente!!! Finalmente os cariocas puderam se juntar para beber, rir, bater no peito e gritar: "Tenho um Mac e sou mais eu!" Os macmaníacos compareceram em massa no que foi chamado de "Maior Evento de Macintosh do Rio". O lançamento da MACMANIA #9 foi mais uma prova de que o mercado da Apple no Brasil é muito maior do que se pensa. Às quatro da manhã, ainda tinha gente contando como conheceu a maçã.



Foto: Fadiga

A distribuição generalizada de prêmios deixou, literalmente, todo mundo de boca aberta.



Foto: Heinar

Gente saindo pelo ladrão. Em toda festa da MACMANIA, esta legenda se repete.

Lista de ganhadores:

Cristina Velho→*Aldus FreeHand 4.0*
Alexandre Tavares Brito→*Norton Utilities 3.0*
Maurício Mendes→*Camiseta*
Roberto Bravo de Souza→*Camiseta*
André Tenenbaum→*Caneta Apple*
André Luis Ricote→*Caneta Apple*
Germano Domingues de Sá→*Caneta Apple*
Cristiane Conde da Silva→*Camiseta*
Robert Madsen Chmatauk→*Camiseta*
Suzanne Barreto→*Camiseta*
Márcia Fadiga→*Camiseta*



Foto: Heinar

Muti (o autor da capa), Ricardo Serpa do JB, um popular e Fadiga do Globo.

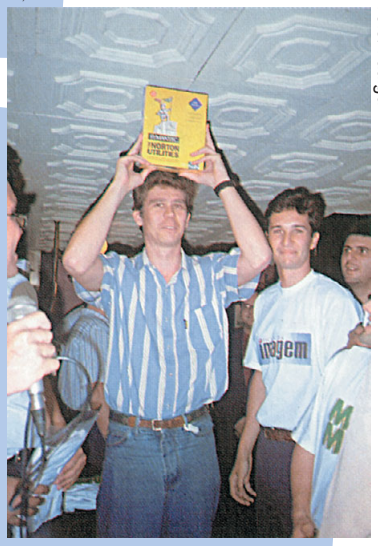


Foto: Fadiga

Esse aí levou, no grito, um Norton Utilities.



Foto: Fadiga

Teve exposição de Power Macs, Xerox e cópias gigantes.

INFO MAC LC 575



Foto: Ricardo Teles

FICHA TÉCNICA

Processador	68LC040
Velocidade	33MHz
Memória	4Mb de RAM (soldados na placa), expandíveis até 36Mb
Slots de memória	1 SIMM de 72 pinos
Armazenamento de dados	Disco interno de 160, 250 ou 320Mb suporta CD-ROM interno
Capacidade de expansão	Um slot LC PDS, um slot de comunicação para Ethernet ou placa de modem
Portas	Duas seriais, uma ADB, uma SCSI, entrada e saída de som estéreo, microfone embutido
Monitor	Sony Trinitron RGB de 14" embutido, suporta 256 cores (32.768 cores com *upgrade* opcional)
Saídas de rede	LocalTalk embutida, Ethernet opcional (requer placa Ethernet)
Dimensões	45,5 x 34,3 x 41,9cm
Peso	18,3kg
Outras características	• Botões de som e contraste • Saída frontal para fone de ouvido • Liga por comando de tecla

PRÓS

- Tem *upgrade* para o PowerPC 601
- Vem com CD-ROM embutido
- Pronto para rodar programas multimídia

CONTRAS

- Expansão limitada

BENCHMARK

Compare a velocidade da CPU do LC 575 com a de outros Macs:

IIci	0.7
Quadra 605	1.0
Quadra 700	1.1
LC 575	1.3
Performa 630	1.3
Power Mac 6.100 (emulado)	1.2
Power Mac 6.100 (nativo)	6.28

O último dos Macintosh

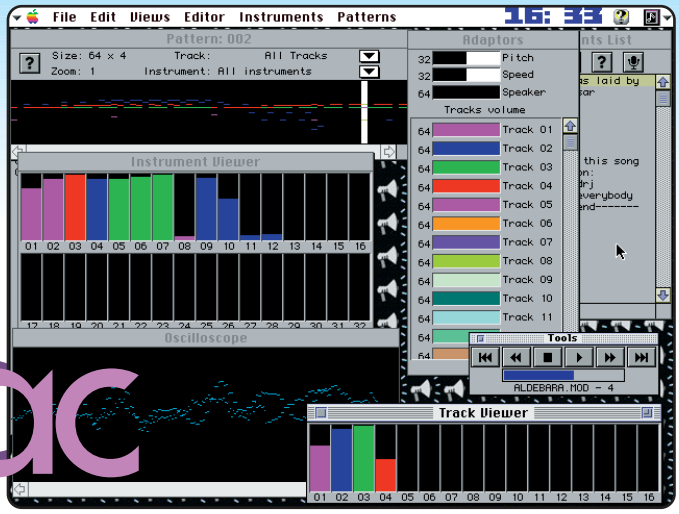
Depois de dez anos de vida, o Macintosh não guarda quase nada de seu projeto original. O velho Mac monobloco, com monitor e CPU em uma mesma embalagem, ficará na história como o design mais original que já foi criado para um computador. Simpático e atraente, ele transmitia ao usuário comum uma idéia reconfortante: a de que ele nunca precisaria abrir seu computador. Tudo que ele precisava para funcionar já estava lá dentro.

O LC 575 (ou Performa 575) é o último dos Macs monobloco. É também o primeiro Power Mac monobloco, já que é compatível com a nova placa de *upgrade* para o PowerPC 601. Com uma velocidade comparável à de um Quadra 800 e CD-ROM embutido, é uma boa opção para quem quer ter um Mac rápido, mas não tem muito espaço.

Praticidade é o forte do LC 575. Ele é fácil de instalar e transportar, contando com apenas um cabo de força, além de possuir um drive de CD-ROM que não precisa de *caddy*. Para fazer *upgrades* de memória ou instalar placas, basta soltar dois parafusos que seguram a tampa traseira e puxar a placa-mãe, que sai inteirinha.

Se você acha que um CD-ROM é mais importante que toda a brutal velocidade de um Power Mac, este é um bom modelo. A alternativa mais próxima é o Performa 630, cuja maior vantagem é ter um slot de expansão a mais e co-processador matemático (em algumas configurações). Mas se você é do tipo saudosista, que acha que o Mac Plus é a Ferrari da informática, pode arriscar uma power nostalgia com o LC 575.

Play it again, Mac



Os arquivos do Player Pro tocam até sem o dito cujo



Thiago Marques

Depois da Editoração Eletrônica, uma das áreas que mais utiliza o Macintosh no Brasil é a dos profissionais de áudio. O som é uma constante no Mac. Desde o momento em que você liga o computador, já se percebe que seu áudio é bem diferente do de um clone IBM.

No Macintosh, a gravação e o armazenamento do som são digitais. A gravação digital é semelhante a um filme. Só que, ao invés de vários quadros, você capta amostras da onda sonora (conhecidas no jargão técnico como *samples*) em intervalos regulares e as converte para números que são gravados no computador. Quando os *samples* são reproduzidos na mesma escala da gravação, você obtém o som original. Atenção: o termo *sample* pode ser utilizado tanto para designar um único byte dentro de um som digitalizado (a tal amostra da onda sonora) quanto a um som de um instrumento digitalizado.

O número de *samples* ou amostras por segundo é chamado de *sample rate*. Quanto maior o *sample rate* de um som, maior a sua resolução, ou seja, maior a fidelidade na sua gravação e reprodução. Na maioria dos Macs, o som é gravado e reproduzido em 8 bits, em um *sample rate* de 22,254 *samples* por segundo (22kHz). A qualidade desse som é comparável ao som das rádios AM. Nos Macs com placas de áudio de 16 bits ou nos Macs AV, o som pode ser gravado em até 44kHz. Este *sample rate* preserva a dinâmica do som e elimina distorções.

Para eliminar distorções, o *sample rate* precisa ser o dobro da maior freqüência a ser gravada. Uma vez que a maior frequência que pode ser ouvida pelo ser humano é de 20kHz, um *sample rate* de 44kHz elimina todas as distorções no nosso campo de audição. O *sample rate* de 22kHz tende a distorcer freqüências acima de 11kHz, que correspondem a cinco oitavas acima do Dó central do piano.

Outra característica muito própria do Mac quanto ao som é que o formato não é tão importante quanto a resolução. Praticamente, cada programa de música tem seu formato de gravação próprio. Devido à enorme quantidade de programas baratos que conseguem converter e ler os vários formatos de maneira eficaz, o que realmente determina a qualidade no Mac é a resolução. O formato fica mais como uma opção de trabalho, já que cada um se encaixa melhor nas diversas aplicações de som no Mac (multimídia, música, sons de alerta ou, simplesmente, diversão). Entretanto, existem alguns formatos mais populares, que, por serem genéricos, podem ser lidos por diversos programas.

Estes são os formatos de gravação mais conhecidos no Mac:



AIFF (Audio Interchange File Format)

No AIFF, não existem limites para tempo de gravação – o tempo depende apenas do espaço em hard disk que você possui. Outra vantagem do AIFF é que os programas que farão sua reprodução podem trabalhar no modo assíncrono. Isso significa que você pode continuar a trabalhar com seu Mac enquanto ouve o som, pois os programas não necessitam "travar" o processador para uso exclusivo. A maioria dos programas que reproduzem AIFF são pequenos e ocupam pouca memória. Programas, como o SoundEdit Pro, da Macromedia, conseguem ler o AIFF e, portanto, permitem sua edição. Sua

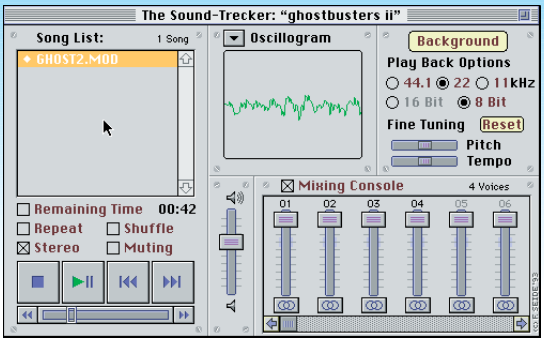
resolução pode ser de 8 a 16 bits e seu *sample rate* de 11kHz a 44.1kHz.
O AIFF pode ser gravado na forma compactada (AIFF-C). Esse tipo de gravação, no entanto, pode causar uma diminuição na performance de reprodução do som, uma vez que além de converter os sinais digitalmente, o computador precisa também descompactar esses sinais.

'SND' RESOURCE

O *'snd' resource* está presente na maioria dos programas. É o som que está "embutido" em um arquivo ou software. Para ter acesso ao *'snd' resource*, você precisa de um programa como o ResEdit, que vai lhe mostrar todos os *resources* do programa. Para editá-lo, no entanto, você precisa de algo como o SoundEdit Pro, que consegue extrair automaticamente o *'snd' resource* de dentro dos programas.
O *'snd' resource* pode ser gravado entre 8 e 16 bits e de 11kHz a 44.1kHz. Alguns arquivos possuem *'snd' resources* que foram gravados a 44.1kHz, a resolução dos Macs AV. Para utilizar esse tipo de som sem problemas, você precisa de uma *extension* chamada Sound Manager. Se você já utiliza o System 7.5, essa *extension* já está incorporada ao seu sistema.
O *'snd'* tem uma grande limitação. Seu tempo de gravação gira em torno de 20 segundos e nem sempre sua reprodução pode ser assíncrona. Isso significa que quando o som é muito grande, o reloginho aparece para dar um "oi"!
O *'snd'* é o formato de gravação encontrado nos sons do sistema operacional do Mac (System 7 Sound).

MOD

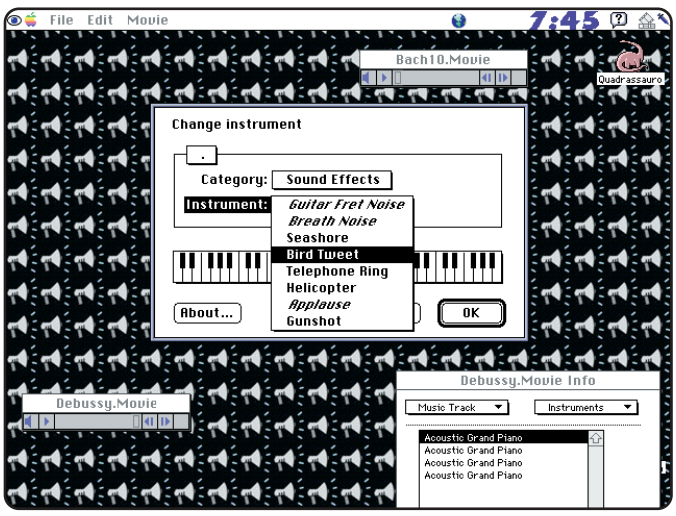
O MOD não é um formato de Mac. É um formato da linha Amiga que, por sua boa qualidade sonora e ao espaço de disco relativamente pequeno, está se difundindo em Macs e PCs. No MOD, apenas um *sample* do som é gravado em uma determinada nota da escala. Uma espécie de "partitura" rege esse *sample*, alterando sua tonalidade, para que ele se encaixe nas diversas notas da uma música. Você encontrará arquivos MOD de até 8 canais e ótimos programas *shareware* para reproduzir esses arquivos, como SoundTrecker, SoundApp, MacTracker, Player Pro e os *stacks* de HyperCard MusicBox XCMD e PlayMOD.
De todos esses programas, dois que merecem destaque são o Player Pro e o SoundTrecker (cujos ícones estão ao lado do intertítulo). Entre as opções do SoundTrecker, estão uma mesa de mixagem de até 32 canais, reprodução em até 44.1kHz/16 bits e conversão do formato MOD para AIFF ou System 7 Sound. O Player Pro é o mais profissional de todos. É o único que permite – assim que você se registra como usuário – a criação e edição de arquivos MOD. Com o Player Pro, também é possível criar arquivos auto-executáveis, com músicas que podem ser ouvidas por quem não possui o programa.



O SoundTrecker tem canal que não acaba mais

QUICKTIME SOUND

Com a chegada do QuickTime 2.0, um novo formato musical está surgindo no Macintosh, com grandes possibilidades de se tornar um padrão para a troca de arquivos de áudio. O QuickTime 2.0 permite a compressão de áudio a níveis assombrosos, permitindo que um trecho de quatro minutos de uma sonata de Debussy ocupe apenas 16k em disco. O SoundEdit Pro 2.0 e o Movie Player 2.0 são os primeiros programas compatíveis com o novo formato.
O arquivo QuickTime Sound consegue unir uma enorme facilidade de uso com características altamente profissionais. É compatível com MIDI e totalmente integrado ao ambiente QuickTime, o que deverá dar uma boa ajuda na hora de sincronizar áudio e vídeo em projetos multimídia. Além disso, a Apple licenciou uma biblioteca de mais de 120 instrumentos digitalizados da Roland, dando uma grande versatilidade e qualidade de som ao formato. Você pode ouvir a mesma sonata de Debussy ao som de piano, banjo e kalimba. Ou órgão Hammond, trombone e pios de passarinho. Além de permitir a gravação de 5kHz a 44kHz e o ajuste automático da resolução de acordo com a capacidade do equipamento, o QuickTime Sound é multiplataforma, podendo trocar arquivos com o QuickTime for Windows.
Por enquanto é só, pessoal. No próximo mês, voltaremos com grandes novidades sobre música no Mac.



Debussy com arranjo de helicóptero é no MoviePlayer

MAC ARTISTA

SUPER MARIO KANNO

NÃO DÁ PRA NÃO VER

Se você nunca viu está perdendo. Se lê de vez em quando talvez não tenha notado, mas se você assina a Folha de S. Paulo já se acostumou a encontrar o traço elegante de Mario Kanno.



O ANO DO AJUSTE

O lucro reaparece nos balanços das empresas

(Rentabilidade em %)



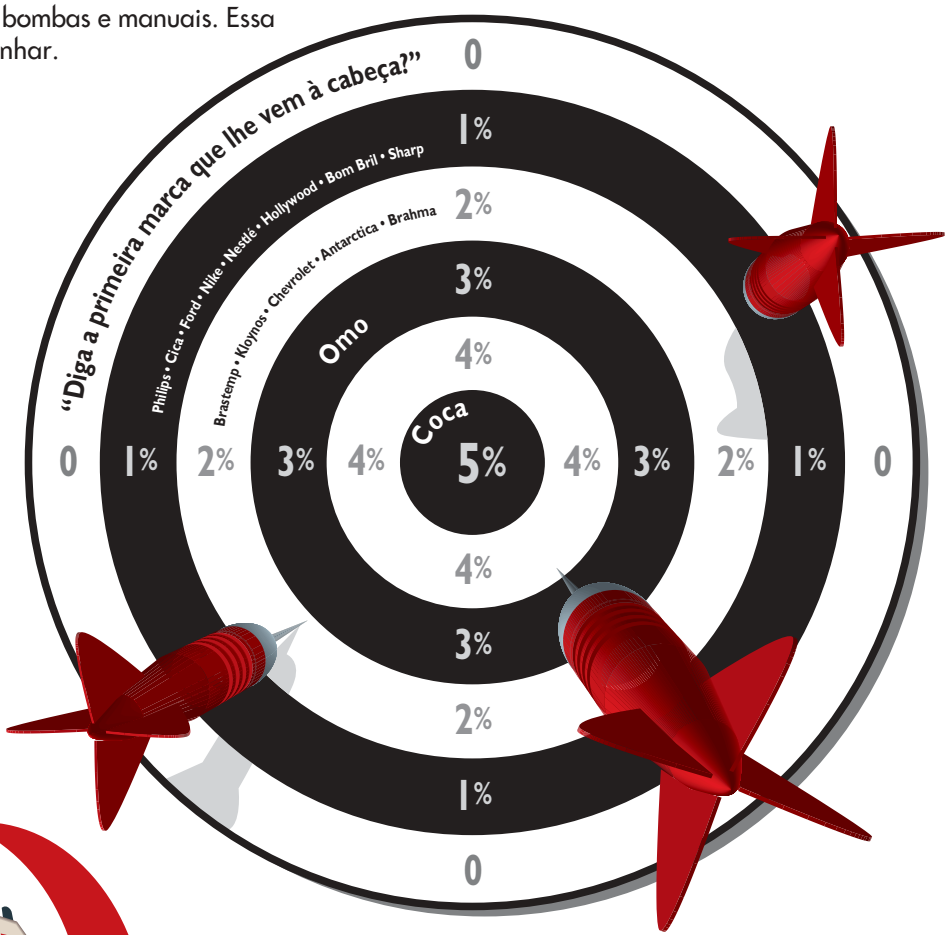


Em artes creditadas de página inteira ou anônimos Indifolhas, ele imprime o seu estilo. Estilo Kamikaze! Pilotando um Quadra 660, ele metralha a concorrência com FreeHand e Photoshop.
Por ter sido um dos primeiros a encarar o Mac no início da informatização das editorias de arte na grande imprensa, Mario trabalha num ritmo alucinante. Mas com o Mac, qualquer um posa de ligeirinho. O diferencial aqui é a qualidade. Você nunca vai ver uma arte acochambrada feita por esse mestiço de japonês com espanhol. A técnica apurada e uma infinidade de macetes garantem a manutenção do padrão Kanno de qualidade.
Ginga de toureiro para encarar os prazos insanos do fechamento de um jornal, paciência de samurai com os bugs, bombas e manuais. Essa é a fórmula deste macmaníaco que sabe desenhar.
Seu telefone de contato é (011) 214-1325.
Tony de Marco





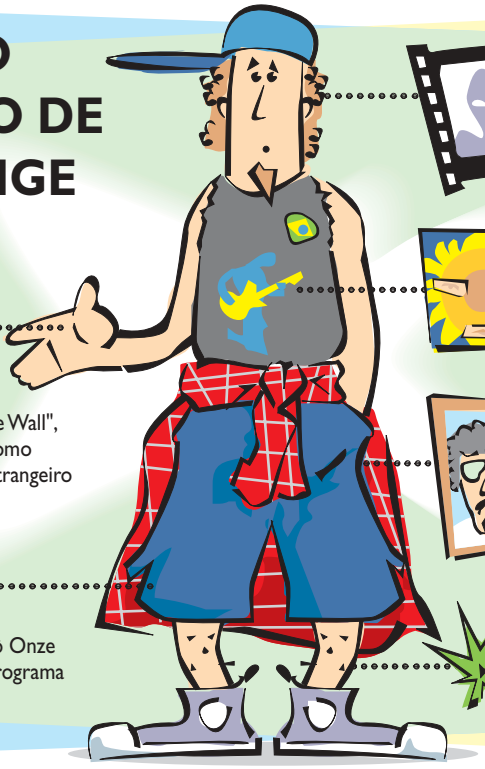








O JEITO BRASILEIRO DE SER GRUNGE



7% Acham que o filme "Ghost" marcou suas vidas

5% Disseram que Caetano é o símbolo da geração

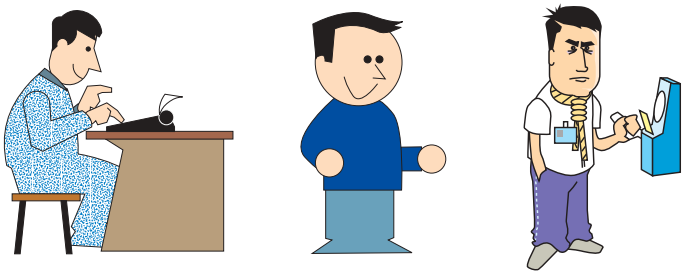
5% Escolheram "The Wall", do Pink Floyd, como melhor disco estrangeiro

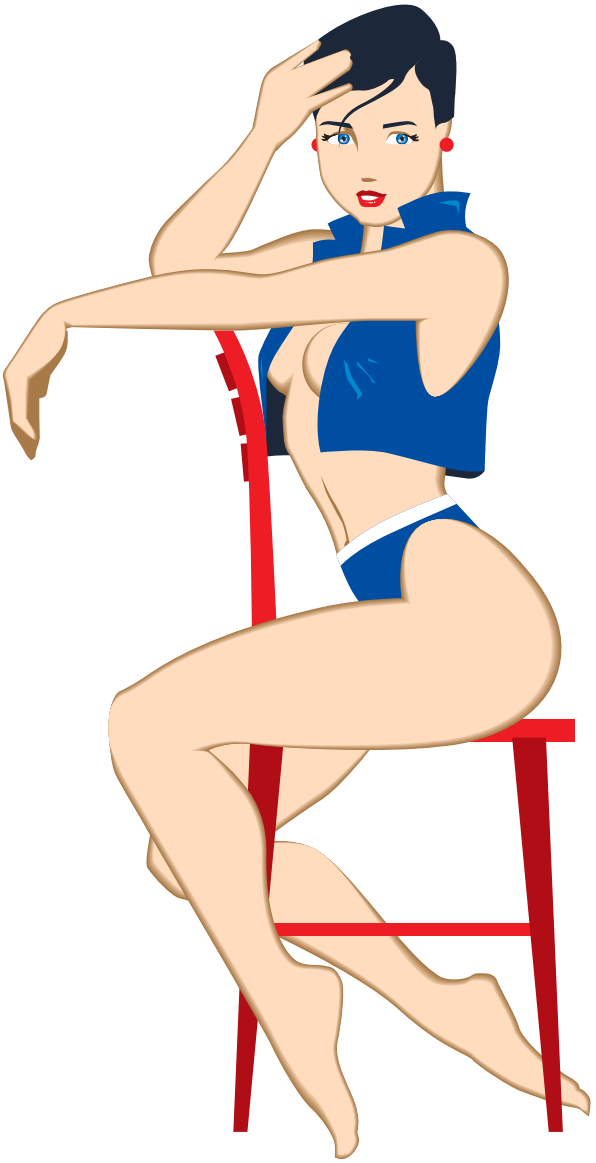
12% Queriam que Raul Seixas ressuscitasse

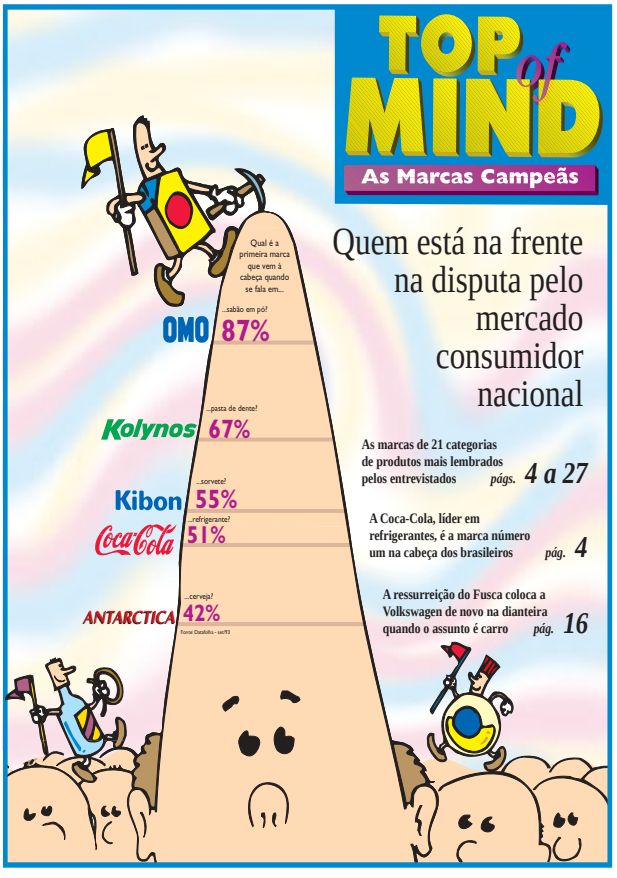
11% Apontaram o "Jô Onze e Meia" como programa de TV preferido

59% São a favor da liberação do uso da maconha

Fonte: Data**Folha**





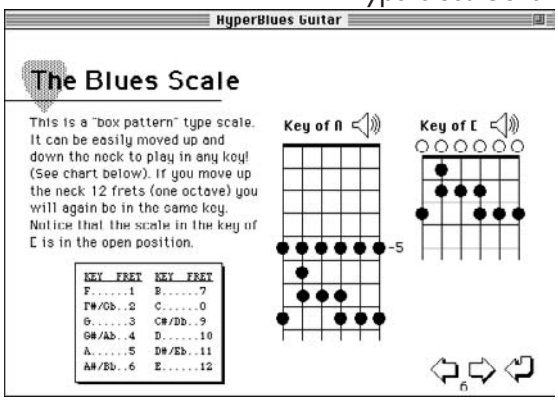




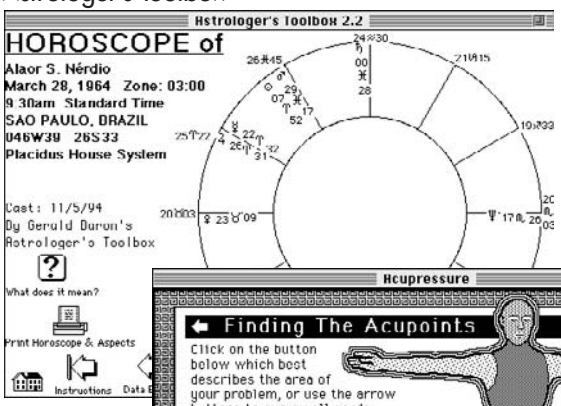
Rosa Freitag

Stacks, abuse e use

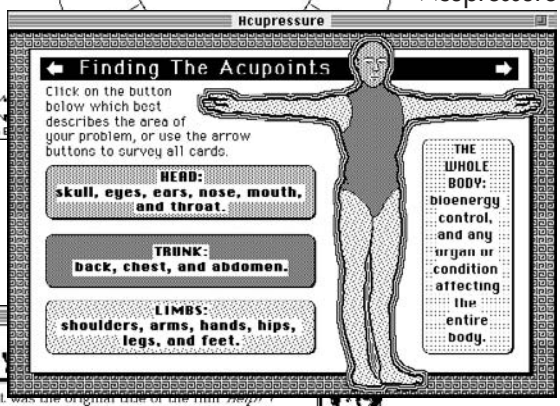
Hyperblues Guitar



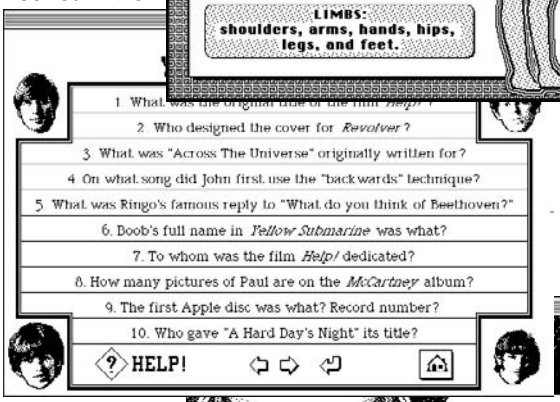
Astrologer's Toolbox



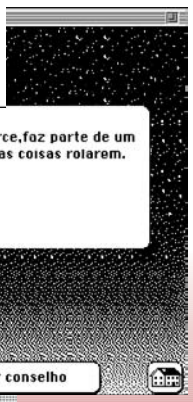
Acupressure



Beatles Trivia

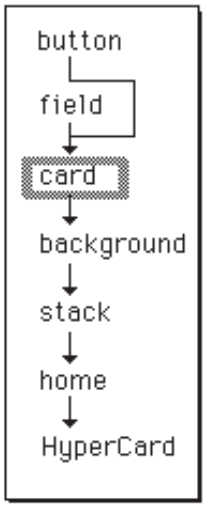


Fortune Teller



Inigo Gets Out

Continuamos aqui, o artigo do último número, sobre como construir *stacks* de HyperCard.



HIERARQUIA

A execução dos *scripts* que "dizem" a um *stack* de HyperCard quais as tarefas que ele deve executar, segue a hierarquia ao lado:

HOME, SWEET HOME

Você deve ter notado no gráfico à direita um elemento chamado *Home*. O HyperCard não funciona sem o *Home*, um *stack* com os *scripts* que comandam o funcionamento do programa. É como se fosse o QG de todos os *stacks*, um ponto de encontro e organização. Quando abrimos o programa é o *Home Stack* que aparece. De lá, podemos acessar outros *stacks* através do menu *Open Stack* ou usar *cards* do *Home* como um menu de *stacks*. Essa conexão é feita através do item *New Link To Stack* no menu *Home*. O nível do usuário (user level) também é estabelecido no *Home*, sob o menu *Preferences*.

É PERMITIDO ROUBAR

Nove entre dez experts em HyperTalk aprimoram suas *scripting techniques* investigando o funcionamento de outros *stacks* e "emprestando" *scripts*, *buttons*, *fields* e elemento gráficos. Essa forma de aprendizado é estimulada pela Apple, sendo comum podermos acessar *scripts* de *stacks* complexos, que incluem comentários do autor sobre o funcionamento.

Vou indicar alguns *stacks* para serem explorados. Como a intenção desta matéria é, primeiramente, desmistificar o HyperCard e, em consideração àqueles que só possuem o

A MOTOROLA VAI COMPRAR A APPLE, A IBM VAI COMPRAR A MOTOROLA E A AT&T VAI COMPRAR A IBM

Player e aos *absolute beginners*, vamos nos limitar por enquanto ao *browsing*. Para quem tiver o programa completo, um bom começo é o HyperCard Tour, para reforçar os conceitos gerais de funcionamento do programa. As funções *Appointments* e *Addresses* mostram as capacidades de busca de texto e interatividade – experimente marcar coisas para o mês que vem. O HyperCard Help mostra os potenciais de interligação entre assuntos através do famoso hipertexto – termos grifados que ao serem clicados dão acesso a informações mais detalhadas. Quem possuir o Player e tiver acesso ao MacBBS (011-813-5053/5059/5672) deve checar os seguintes *stacks:*

•**Hyperblues Guitar** – uma aula de guitarra de blues, explorando as capacidades de notação musical e registro de sons.
•**Fortune Teller –** interativo e nonsense.
•**Beatles Trivia** – o meio mais simples de se organizar testes.
•**Inigo Gets Out** – animação e uso de botões, como *hotspots.*
•**Astrologer's Toolbox** – seu mapa astral de graça!
•**Acupressure** – aprenda tudo sobre do-in.
Quanto mais *stacks* você puder explorar, melhor será a compreensão das capacidades do HyperCard. Um bom *stack*, além do conteúdo útil, deve apresentar fácil navegação e metáforas visuais interessantes. No avançar desta série, investigaremos *scripts* bem bolados.

Obs: alguns stacks mais antigos devem ser convertidos para funcionarem com as versões 2.1 e 2.2 (a mais recente). Se aparecer uma mensagem pedindo a conversão, selecione Convert Stack, do menu File. Dê Quit no HyperCard e abra novamente o stack.

DICAS PARA NAVEGAÇÃO:

Além dos botões presentes nos *cards*, podem ser usadas as setas no teclado caso o *stack* seja uma simulação de um livro, para ir para a próxima página, por exemplo.

No menu *Go*, escolha *Recent* para ver miniaturas dos últimos 42 *cards* visitados. É só clicar numa deles para retornar ao respectivo *card*.

Para abrir um *stack* sem fechar o que estiver aberto, escolha *Open Stack*, do menu *File*, com a opção "open *stack* in new window".

Mandem dúvidas e dicas de *stacks* interessantes. Na próxima edição, aprofundaremos os conceitos dos objetos do HyperCard e iniciaremos a construção de um *stack* e a implementação de *scripts* em HyperTalk.

eWORLD, O MUNDO PROIBIDO

O usuário de Mac é um caçador de novidades. Vive à cata de informações sobre a Apple e seus produtos, que precisa garimpar em BBSs e revistas especializadas. Vasculha os suplementos de informática dos jornais atrás de notícias, colunas e notas de rodapé sobre Macintosh. Para ele, uma MACMANIA por mês é muito pouco. O usuário de Mac precisa de informações diárias, de hora em hora, se possível. Não basta ter um computador moderno e revolucionário. É preciso se manter atualizado com os últimos lançamentos e, principalmente, saber antes de todo mundo sobre o último boato, a última fofoca, para ser o primeiro a sair contando. Por essas e por outras, o melhor amigo do macmaníaco é o seu modem e o BBS é o seu segundo lar. Lá ele pode encontrar outros usuários, trocar idéias, pegar alguns shareware e saber das últimas. Mas isso ainda é pouco. O usuário brasileiro ouve falar e lê em revistas importadas alguns nomes mágicos, que soam como música em seus ouvidos: eWorld, AppleLink, lugares em que você pode entrar em contato direto com a Apple e saber realmente o que está acontecendo. Ele ouve falar e pensa com seus botões: se o cara que compra um Mac no México ou na Inglaterra pode acessar, por que eu não posso?

O AppleLink, em qualquer país civilizado (leia-se, com um escritório local da Apple), é um canal legítimo para qualquer usuário obter informações sobre o Macintosh, bastando para isso pagar (caro!) pelo serviço. No mundo inteiro, existem cerca de 50 mil assinantes do sistema. No Brasil, o AppleLink deveria se chamar SSIA, Serviço Secreto de Informações Apple. Somente as revendas e assistências técnicas autorizadas têm direito a senhas de acesso.



O motivo para tal isolamento é a inexistência de uma filial da Apple no Brasil. A CompuSource, a única distribuidora oficial de produtos Apple no país, não tem como fornecer senhas de acesso ao AppleLink. Nem seria essa a sua função. Segundo seu diretor de marketing, Eduardo Carvalho, "o melhor caminho para quem quer acessar este serviço é comprar o kit do AppleLink em alguma boa loja nos EUA e fornecer um endereço americano e o número de um cartão de crédito internacional ao se registrar. Isto feito, pode-se acessar todos os serviços através de um número local em São Paulo, operado pela Proceda. Assim, paga-se apenas a utilização e não o custo do telefonema internacional." Um pouco complicado, não? Com o eWorld, a coisa complica ainda mais. Não existe um número de acesso no Brasil e, mesmo nos Estados Unidos, o sistema ainda está em fase de implantação. Em todo caso, o sistema em si é um grande avanço, em relação ao AppleLink, com acesso mais fácil, maiores opções e, principalmente, um custo menor.

A idéia por trás do eWorld – uma rede de comunicação global com uma interface totalmente intuitiva – é bastante convidativa. Toda a complexidade do sistema é escondida atrás de uma pracinha com prédios que qualquer um reconhece: uma escola, um posto de Correio, um clube, um prédio de negócios. O problema é que, com sua tradicional megalomania, a Apple superestimou o número de usuários que o sistema iria atrair. O número total de assinantes depois de cem dias de funcionamento do eWorld era de pouco mais de 36 mil, bem longe dos 100 mil projetados pela Apple. O principal motivo para tamanho erro de cálculo é que ele incluía a fusão com o AppleLink, algo que ainda não aconteceu. Segundo informações da própria Apple, o eWorld está sendo implantado país a país, em uma espécie de regime de franquia, sempre em associação com uma empresa telefônica. No Brasil, a Apple pretende começar a conversar com empresas interessadas em licenciar e operar o sistema a partir do segundo semestre do ano que vem. Se os macmaníacos brasileiros tiverem sorte (muita sorte), em 96 poderemos estar acessando o eWorld.